

Se eu pudesse viver minha vida novamente

Rubem Alves



calibre 1.36.0

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Rubem Alves

Se eu pudesse
viver minha vida
novamente...



Rubem Alves

Se eu pudesse
viver minha vida
novamente...



Grupo Editorial Record

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

A477s

Alves, Rubem

Se eu pudesse viver minha vida novamente [recurso eletrônico] / Rubem Alves.
Campinas, SP : Verus Editora, 2012.
recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-152-2 (recurso eletrônico)

1. Alves, Rubem, 1933-. 2. Escritores brasileiros - Biografia. 3. Livros eletrônicos.
I. Título.

11-5143

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-94

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora Editorial
Ana Paula Gomes

Organização
Raïssa Castro

Revisão
Aurea G. T. Vasconcelos
Sabino F. Affonso

Capa & Projeto Gráfico
André S. Tavares da Silva

Diagramação
Daiane Avelino

© Verus Editora, 2004

Algumas destas crônicas foram previamente publicadas nos jornais *Correio Popular* e
Folha de S.Paulo.

VERUS EDITORA LTDA.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 55
Jd. Santa Genebra II - 13084-753
Campinas/SP - Brasil
Fone/Fax: (19) 3249-0001
verus@veruseditora.com.br
www.veruseditora.com.br

GRUPO EDITORIAL RECORD
www.record.com.br

Instantes

Se eu pudesse viver novamente a minha vida,
na próxima trataria de cometer mais erros.
Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais.
Seria mais tolo ainda do que tenho sido;
na verdade, bem poucas coisas levaria a sério.
Seria menos higiênico. Correria mais riscos,
viajaria mais, contemplaria mais entardeceres,
subiria mais montanhas, nadaria mais rios.
Iria a mais lugares aonde nunca fui,
tomaria mais sorvete e menos lentilha,
teria mais problemas reais e menos imaginários.
Eu fui uma dessas pessoas que viveu
sensata e produtivamente cada minuto da sua vida.
Claro que tive momentos de alegria.
Mas, se pudesse voltar a viver,
trataria de ter somente bons momentos.
Porque, se não sabem, disso é feita a vida,
só de momentos;
não percam o agora.
Eu era um daqueles que nunca ia a parte alguma
sem um termômetro, uma bolsa de água quente,
um guarda-chuva e um paraquedas;
se voltasse a viver, viajaria mais leve.
Se eu pudesse voltar a viver,
começaria a andar descalço no começo da primavera

e continuaria assim até o fim do outono.

Daria mais voltas na minha rua,

contemplaria mais amanheceres

e brincaria com mais crianças,

se tivesse outra vez uma vida pela frente.

Mas, já viram, tenho 85 anos

e sei que estou morrendo.*

Nota

* Autoria discutível. Poema atribuído ora a Jorge Luis Borges, ora a Nadine Stair.

Parte 1 Se eu pudesse...

Sobre a nostalgia, sonhos, perdas e ganhos

Se eu pudesse viver minha vida novamente...

A beleza dos pássaros em voo...

Voltando a ser criança

Uma criança chora...

Conversas ao redor do fogão

Para quem será?

Todo o poder à criança

Você

Antes que se rompa o fio

Testamento

O telefone celular

Trem...

Brincando com o desconhecido...

Memórias da infância

Parte 2 ...viver minha vida novamente...

Sobre os pequenos detalhes que fazem toda a diferença

Tristeza

Por que alguns sofrem e outros não?

Por que não me mudo para a Bahia?

A bifurcação terrível

Paixão e literatura

Aconselho-o a se conformar

As laranjas

O pequeno barco de velas brancas
Sobre vacas e sabonetes
O jogo “peteca-lembrança”
Viver sem medo
O presépio
A terceira margem do rio
“Que seria de nós sem o socorro do que não existe?”

Parte 1

Se eu pudesse...

SOBRE A NOSTALGIA, SONHOS, PERDAS E GANHOS



Se eu pudesse viver
minha vida novamente...

Quando o li pela primeira vez, fiquei comovido. Era uma mistura de sabedoria e tristeza. Seu título era “Instantes”, e começava assim:

Se eu pudesse viver novamente a minha vida,
na próxima trataria de cometer mais erros [...].
Correria mais riscos,
viajaria mais, contemplaria mais entardeceres.

E ia assim, parágrafo após parágrafo, listando coisas que haviam sido feitas e que não deveriam ter sido feitas, e coisas que não haviam sido feitas e que deveriam ter sido feitas. Até o final melancólico:

Mas, já viram, tenho 85 anos
e sei que estou morrendo.

O texto era uma advertência aos mais moços: só temos o momento. Não percam o agora.

Estou a ponto de “desfazer” setenta anos, muito embora os distraídos insistam em usar o verbo *fazer*. O fato é que a celebração de mais um ano de vida é a celebração de um desfazer, um tempo que deixou de ser, não mais existe. Fósforo que foi riscado. Nunca mais acenderá. Daí a profunda sabedoria do ritual de soprar as velas em festas de aniversário. Se uma vela acesa é símbolo de vida, uma vez apagada ela se torna símbolo de morte. O que não entendo é a razão pela qual os participantes, diante das velas apagadas, se ponham a bater palmas e a rir, quando o certo seria que chorassem. Eu prefiro um ritual mais alegre: acender uma vela bem grande, como um bruxedo de invocação dos anos ainda não nascidos cujo número não sei!

Os números redondos, creio que por razões estéticas, são mais poderosos que os

números quebrados. Ninguém acharia nada de extraordinário com o número 7073565 da sua carteira de identidade. Mas, se o número for 5000000, isso será razão para as mais fantásticas conjecturas. Assim, ao ensejo do número redondo 70, pensei em fazer um documento parecido com o “Instantes”, confessando erros e dando conselhos aos mais jovens. Mas desisti. E isso porque, “se eu pudesse viver minha vida novamente”, eu queria vivê-la do jeito mesmo como a vivi, com seus desenganos, fracassos e equívocos. Doidice? Imaginem que eu estivesse infeliz. Eu teria então todas as razões para voltar atrás e tentar consertar os lugares onde errei. Mas eu não estou infeliz. Vivo um crepúsculo bonito, com a suíte nº 1 de Bach, para violoncelo. Se houve sofrimentos no caminho, imagino que, se não os tivesse tido, talvez a suíte nº 1 de Bach não estivesse sendo ouvida. Estou onde estou pelos caminhos e descaminhos que percorri.

Faz muitos anos, nos tempos em que eu era ainda professor da Unicamp, um aluno que eu não conhecia telefonou-me dizendo que precisava falar comigo. Marcamos um encontro na minha casa. Ele chegou, abriu um caderno e começou a fazer-me perguntas. A primeira pergunta – que abortou todas as outras – foi a seguinte: “Como é que o senhor planejou a sua vida para que chegasse aonde chegou?” Percebi logo. Ele me admirava. Queria ser como eu. Queria que eu lhe contasse o segredo. Que lhe revelasse o caminho. Mas minha resposta pôs a perder as suas expectativas. Foi isso que eu lhe disse: “Eu estou onde estou porque todos os meus planos deram errado.”

Isso é absolutamente verdadeiro. As pontes que construía para chegar aonde eu queria ruíam uma após a outra. Eu era então obrigado a procurar caminhos não pensados. E aconteceu, por vezes, que nem mesmo segui, por vontade própria, os caminhos alternativos à minha frente. Escorreguei. A vida me empurrou. Fui literalmente obrigado a fazer o que não queria.

Por exemplo: meu pai, homem muito rico, foi à falência. Ficou pobre. Teve de mudar de cidade para começar vida nova. Se isso não tivesse acontecido, é provável que hoje eu fosse um rico fazendeiro guiando uma F 1000 e contabilizando cabeças de gado.

Quando me mudei para o Rio de Janeiro, aos 12 anos de idade, menino do interior de Minas com um sotaque caipira, fui objeto de zombarias e chacotas. Nunca me senti tão sozinho. Nunca fui convidado a ir à casa de um colega e nunca tive coragem para convidar um colega para ir à minha casa. Sofri a dor da solidão e da rejeição. Mas foi esse espaço de solidão na minha alma que me fez pensar coisas que de outra forma eu não teria pensado.

Lutei muito para ser pianista. Trabalhei duro, horas e horas por dia. Se tivesse dado certo, eu seria hoje um pianista medíocre. Pianista bom não precisa fazer força. É dom de Deus, como é o caso do Nelson Freire. A diferença entre nós é que, enquanto eu tentava colocar dentro de mim um piano que estava fora, o problema do Nelson era colocar para fora um piano que morava dentro dele desde o nascimento. Para mim, o piano nunca passaria de uma prótese. Mas, para o Nelson, o piano é uma expansão do seu corpo. Foi preciso que eu fracassasse como pianista para que o escritor que morava dentro de mim aparecesse. Assim, comecei a fazer música com palavras, acho que com a mesma

facilidade com que o Nelson toca piano.

Fui pastor protestante e é provável que, se tudo tivesse acontecido nos conformes, eu hoje fosse um clérigo velho. Mas veio o golpe militar, fui acusado de subversivo pelas zelosas e bondosas autoridades da Igreja... Tive de me mudar para os Estados Unidos com a minha família – o que foi ótimo para todos nós. Fiz meu doutoramento, fiz amigos novos, viajei, conheci lugares, acampeei, tive tempo para ler e pensar.

Cheguei onde estou por caminhos que não planejei. É um lugar feliz com o qual nunca sonhei. Nunca me passou pela ideia que eu viria a ser escritor. E, em especial, que escreveria histórias para crianças – e que as crianças as amariam (e me amariam por causa delas...). Tanto assim que não me preparei para o ofício. Sou ruim em gramática, erro a acentuação. E há mesmo uma pessoa que se dedicava a escrever-me longas cartas para corrigir meu português. Parou de escrever. Acho que desistiu. Como é bem sabido, eu, um mau aluno, especialmente quando o professor quer ensinar-me coisas que não quero aprender. Pena que o dito professor, voluntário, nunca tivesse feito comentário algum sobre o que eu escrevia. Concordo mesmo é com o Patativa do Assaré: “É melhor escrever errado a coisa certa do que escrever certo a coisa errada...”

Plantei árvores, tive filhos, escrevi livros, tenho muitos amigos e, sobretudo, gosto de brincar. Que mais posso desejar? Se eu pudesse viver minha vida novamente, eu a viveria como a vivi porque estou feliz onde estou.

A beleza dos pássaros em voo...

Li que na antiga tradição samurai, quando um guerreiro recebia a ordem de cometer o suicídio ritual chamado *seppuku*, antes do gesto final ele deveria escrever um haikai. Haicais são poemas mínimos nos quais a condensação poética é levada ao seu grau máximo. A morte exige brevidade de palavras, porque o tempo é curto. E, sendo curto o tempo, as palavras devem dizer o essencial.

Estou completando setenta anos. O tempo é curto. É preciso aprender a escrever haicais. É preciso dizer o essencial.

Jorge Luis Borges, creio, tinha cerca de 67 anos quando escreveu o seguinte:

Um homem se propõe a tarefa de esboçar o mundo. Ao longo dos anos povoa um espaço com imagens de províncias, de remos, de montanhas, de balas, de naves, de ilhas, de peixes, de habitações, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem do seu rosto.

Faço minhas as palavras de Borges. Eu falo de crianças, brinquedos, árvores, velhos, amantes, quadros, escolas, crepúsculos, sonatas, rios, florestas, filhos, túmulos... Mas não se deixem enganar. Essas entidades, todas elas, traçam as linhas do meu rosto. Tudo o que escrevo é sempre uma meditação sobre mim mesmo.

A literatura é um processo de transformações alquímicas. O escritor transforma – ou, se preferirem uma palavra em desuso, usada pelos teólogos antigos, “o escritor transubstancia” – sua carne e o seu sangue em palavras e diz aos seus leitores: “Leiam! Comam! Bebam! Isso é a minha carne! Isso é o meu sangue!” A experiência literária é um ritual antropofágico. Antropofagia não é gastronomia. É magia. Come-se o corpo de um morto para se apropriar de suas virtudes. Não é esse o objetivo da eucaristia, ritual antropofágico supremo? Come-se e bebe-se a carne e o sangue de Cristo para se ficar semelhante a ele. Eu mesmo sou o que sou pelos escritores que devorei... E, se escrevo, é na esperança de ser devorado pelos meus leitores.

Foi longo o itinerário que segui. Minha infância foi uma infância feliz. Vivi anos de pobreza, morando numa casa de pau a pique, fogueira de lenha, noites iluminadas pela luz das lamparinas e das estrelas, minha mãe trazendo água da mina numa lata, meu pai trabalhando com a enxada e com o machado. Mas não tenho desses anos nem uma memória triste. As crianças ficam felizes com pouca coisa. Não era preciso dizer os nomes dos deuses nem eu os sabia. O sagrado aparecia, sem nome, no capim, nos pássaros, nos riachos, na chuva, nas árvores, nas nuvens, nos animais. Isso me dava alegria! Como no paraíso... No paraíso não havia templos. Deus andava pelo jardim, extasiado, dizendo: “Como é belo! Como é belo!” A beleza é a face visível de Deus. Menino, o mundo me era divino e sem deuses. Talvez seja essa a razão por que Jesus disse que era preciso que nos tornássemos crianças de novo, para ver o paraíso espalhado pela terra.

Foi minha mãe quem primeiro me falou de Deus. Ensinou-me a orar ao ir para a cama: “Agora me deito para dormir. Guarda-me, ó Deus, em teu amor. Se eu morrer sem acordar, recebe a minha alma, ó Senhor. Amém”. Oração quase haikai. Condensação mínima da teologia cristã. Há a morte, o terror que no escuro nos espreita. Há uma alma que sobrevive à morte e vai para algum lugar. Há um Deus que é o senhor do mundo depois da morte... Meu sentimento foi medo. Rompia-se a felicidade paradisíaca. Será o medo o início da religião? Medo da morte. Medo de abandonar este mundo luminoso!

Do inferno nunca tive medo. Talvez tenha sido essa a razão por que nunca consegui ser ortodoxo. Pois o fato é que o inferno é a base sobre a qual a teologia cristã se construiu – exceção feita aos místicos. A teologia cristã tradicional é um pião enorme que gira sobre essa aguda ponta de ferro chamada inferno. Mesmo quando se faz silêncio sobre ele, é ele que mantém o pião rodando: quem está em cima do pião que roda não pode ver a ponta de ferro que torna possível o seu giro. Sem essa ponta, o pião para de girar e cai... Pois Cristo não morreu na cruz para nos salvar do inferno, como reza a teologia ortodoxa?... Inconscientemente nunca acreditei que Deus pudesse lançar uma alma ao inferno por toda a eternidade. É crueldade demais! Eu não admitiria que um homem fizesse isso. Como poderia admitir que Deus o fizesse? E também nunca fui atraído pelas propaladas delícias do céu. Para dizer a verdade, não conheço nem uma pessoa que esteja ansiosa por deixar as pequenas alegrias desta vida para gozar eternamente a felicidade celestial perfeita. As pessoas religiosas que conheço cuidam bem da saúde, caminham, fazem hidroginástica, controlam o colesterol, a pressão, a glicemia... Elas querem continuar por aqui. Não querem partir. Cecília Meireles, a mais mística das nossas poetisas, também não se entusiasmava com a possibilidade de ir para os céus. E dizia:

Pergunto [...]

se, depois que se navega,

a algum lugar, enfim, se chega...

– O que será, talvez, mais tarde.

Nem barcas nem gaivota:
somente sobre-humanas companhias...

Mario Quintana, levíssimo poeta, explicou a coisa com humor:

Um dia... pronto!... me acabo.
Pois seja o que tem de ser.
Morrer: que me importa?
O diabo é deixar de viver!

É assim que me sinto. Como a Cecília, eu amo barcas e gaivotas. Como o Mário Quintana, eu não quero deixar de viver. Sou um ser deste mundo.

Esta alegria de viver me faz encontrar Deus a passear pelo jardim ao vento fresco da tarde. Como eu, Deus prefere as delícias deste mundo material às delícias espirituais do céu. É claro que, se ele estivesse feliz nos céus, não teria criado a terra. Pois Deus, segundo os teólogos, em virtude de sua perfeição, não pode criar o pior. Faz sempre o melhor. Assim, o paraíso tem de ser melhor que os céus que já havia... E Deus gostou tanto da terra e de seus jardins que resolveu para ela se mudar em definitivo e se encarnou eternamente... Deus ama a vida sobre a terra, mesmo com a terrível possibilidade de morrer. Porque a vida é bela a despeito de tudo. “A despeito de”: é aí que moram os deuses. E os poetas. Assim canta a Adélia Prado, minha teóloga mais próxima:

Louvado sejas, porque a vida é horrível,
porque mais é o tempo que eu passo recolhendo os despojos [...]
mas limpo os olhos e o muco do meu nariz,
por um canteiro de grama.

Desviei-me, assim, de uma das mais influentes escolas da teologia contemporânea que, sob a inspiração da espiritualidade do martírio, só tinha olhos para a coroa de espinhos, para os cravos e para as feridas, e não tinha olhos para a flor... Lembro-me de um poema de Bertold Brecht, a quem muito amo, em que ele diz:

Que tempos são esses, quando
falar de árvores é quase um crime
pois implica silenciar sobre tantas barbaridades?

Eu me atrevi a falar sobre as árvores e fiz silêncio sobre os ossos secos. Isso me condenou a anos de solidão. Mas, se falei sobre árvores é porque acredito que são os poemas sobre árvores que ressuscitam os ossos secos espalhados no deserto. Visões de

ossos secos não têm poder para dar vida aos ossos secos... Imaginei uma política que nascesse da beleza. Lutam melhor os que têm sonhos belos. Somente aqueles que contemplam a beleza são capazes de endurecer “sem nunca perder a ternura”.* Guerreiros ternos. Guerreiros que leem poesia. Guerreiros que brincam como crianças...

Assim, abandonei as inspirações éticas e políticas da teologia – justificação pelas obras – e deixei-me levar pela felicidade estética – justificação pela graça. “E viu Deus que era muito bom...”** “O paraíso é, antes de tudo, um belo quadro”, diz Bachelard. Alegria para os olhos, alegria para o corpo. Deus, em oposição aos seus adoradores, que fecham os olhos para vê-lo melhor, abre os seus e se alegra. O ato de ver é uma oração. O místico não se encontra no invisível. O místico se encontra no visível. O visível é o espelho onde Deus aparece refletido sob a forma de beleza. Deus é um esteta. Quem experimenta a beleza está em comunhão com o sagrado.

Me acusarão, como me acusaram: “Uma opção aristocrática, para poucos!” Sim, se se acreditar que os humildes e pobres são criaturas embrutecidas pelo sofrimento, com sentidos e almas insensíveis. Mas eu não creio assim. Creio que, dentro de todos, mora, adormecida, a nostalgia pela beleza. Estou apenas fazendo eco a um poema que se encontra incrustado nas *Confissões*, de santo Agostinho:

Perguntei à terra [...], perguntei ao mar e às profundezas,
entre os animais vivos, às coisas que rastejam. [...]
Perguntei aos ventos que sopram,
aos céus, ao sol, à lua, às estrelas [...]
e a todas as coisas que se encontram às portas da minha carne [...].
Minha pergunta era o olhar com que as olhava.
Sua resposta era a sua beleza.

Neruda, em *Confesso que vivi*, declara que foi através da estética que ele encontrou o caminho para a alma do seu povo. Também os humildes e os pobres se alimentam de beleza.

Eu nunca imaginei que seria escritor. Não me preparei para isso. Conheço pouco da tradição literária. A literatura me chegou sem que eu esperasse, sem que eu preparasse o seu caminho. Chegou-me através de experiências de solidão e sofrimento. A solidão e o sofrimento me fizeram sensível à voz dos poetas. A decisão foi tomada depois de completar quarenta anos: não mais escreveria para os meus pares do mundo acadêmico, filósofos ou teólogos. Escreveria para as pessoas comuns. E que outra maneira existe de se comunicar com as pessoas comuns senão simplesmente dizer as palavras que o amor escolhe? Fernando Pessoa declara que “arte é a comunicação aos outros de nossa identidade íntima com eles”. Toda alma é uma música que se toca. Quis muito ser pianista. Fracassei. Não tinha talento. Mas descobri que posso fazer música com palavras.

Assim, toco a minha música... Outras pessoas, ouvindo a minha música, podem sentir sua carne reverberando como um instrumento musical. Quando isso acontece, sei que não estou só. Se alguém, lendo o que escrevo, sente um movimento na alma, é porque somos iguais. A poesia revela a comunhão.

Não escrevo teologia. Como poderia escrever sobre Deus? O que faço é tentar pintar com palavras as minhas fantasias – imagens modeladas pelo desejo – diante do assombro que é a vida. Se o Grande Mistério, vez por outra, faz ouvir a sua música nos interstícios silenciosos das minhas palavras, isso não é mérito meu. É graça. Esse é o mistério da literatura: a música que se faz ouvir, independentemente das intenções de quem escreve. É por isso que poesia, como bem lembrou Guimarães Rosa, é essa irmã tão próxima da magia... Poesia é magia, feitiçaria... O feiteiro é aquele que diz uma palavra e, pelo puro poder dessa palavra, sem o auxílio das mãos, o dito acontece. Deus é o feiteiro-mor: falou e o universo foi criado. Os poetas são os aprendizes de feiteiro. O desejo que move os poetas não é ensinar, esclarecer, interpretar. Essas são coisas da razão. O seu desejo é mágico: fazer soar de novo a melodia esquecida. Mas isso só acontece pelo poder do sangue do coração humano.

Escrevi, faz muitos anos, um estória para a minha filha de quatro anos. Era sobre um Pássaro Encantado e uma Menina que se amavam. O Pássaro era encantado porque não vivia em gaiolas, vinha quando queria, partia quando queria... A Menina sofria com isso, porque amava o Pássaro e queria que ele fosse seu para sempre. Aí ela teve um pensamento perverso: “Se eu prender o Pássaro Encantado numa gaiola, ele nunca mais partirá, e seremos felizes, sem fim...” E foi isso que ela fez. Mas aconteceu o que ela não imaginava: o Pássaro perdeu o encanto. A Menina não sabia que, para ser encantado, o Pássaro precisava voar...

Dei-me conta de que essa estória é uma parábola da teologia. Existe sempre a tentação de prender o Pássaro Encantado, o Grande Mistério, em gaiolas de palavras. O poeta é aquele que ama o Pássaro em voo. O poeta voa com ele e vê as terras desconhecidas a que o seu voo leva. Por isso não há nada mais terrível para um poeta que ver um Pássaro engaiolado... Daí que ele se dedique, hereticamente, à tarefa de abrir as portas das gaiolas, para que o Pássaro voe... E é para isso que escrevo: pela alegria de ver o Pássaro em voo.

T. S. Eliot tem um verso em que diz:

E ao final de nossas longas explorações,
chegaremos finalmente ao lugar de onde partimos
e o conheceremos então pela primeira vez...

Somente na velhice nos reencontramos com a infância, com a nossa infância. Creio que essas coisas que escrevo são uma tentativa de recuperar a felicidade perdida da minha infância. Agora, na velhice, experimento a alegria de ver muitas gaiolas vazias. E a alegria de ver os amigos que sorriem comigo, ao ver os pássaros em voo. Mas há uma tristeza.

Sinto-me como Ravel, que, ao ver aproximar-se o fim, dizia, num lamento: “Mas há tantas músicas esperando ser escritas!”

Notas

* Citação de Che Guevara.

** Citação de Gênesis 1,31.

Voltando a ser criança

A Maria Antônia é pessoa querida, faz versos lindos que sempre cito. O seu livro *Terra de formigueiro* é um presente gostoso para uma pessoa amada. Ela me escreveu colocando duas fotografias dentro do envelope. A primeira era uma árvore gigantesca, fotografia tirada de baixo para cima, JEQUITIBÁ rosa, do Parque Estadual de Vassununga, em Ribeirão Preto. Atrás, informações técnicas: altura, quatrocentos metros; idade, três mil anos. Escrevi para ela:

Olha, gosto de acreditar em portentos, achei o JEQUITIBÁ fantástico, tão fantástico que escrevi o nome dele todo em maiúsculas – não devia ser escrito na horizontal, mas na vertical, em virtude de sua assombrosa ereção. Agora, acreditar que ele é da altura do Pão de Açúcar, quatrocentos metros, isso é um pouco demais para a minha incredulidade, nem o apóstolo Tomé acreditaria, muito embora para Deus tudo seja possível. Três mil anos de idade é tempo pra chuchu, mil anos antes do nascimento de Cristo... Mas não espalhe a notícia não, pois há o perigo de que comecem a dizer que chá de casca do jequitibá é o segredo da longevidade e da potência permanente, e isso seria o fim do jequitibá.

A segunda era um cartão-postal de uma exposição em homenagem ao Monteiro Lobato, em que aparece uma foto do meu filósofo mais querido, Friedrich Nietzsche e, em cima dela, uma frase de Lobato sobre ele, tirada de uma carta datada de 24/8/1904. Aí continuei a carta para a Maria Antônia:

Portento maior que o jequitibá eu achei a fotografia de Nietzsche com a frase do Lobato. Imaginar que Lobato tivesse conhecimento desse filósofo desconhecido, morto em 25 de agosto de 1900! A frase dele me deixa pasmo: “Ele é isso. Corre na frente com o facho, a espantar todos os morcegos e corujas e a semear horizontes.”

Nietzsche, sim, era jequitibá alto; faz muito tempo que estou subindo pelos seus

galhos e nunca chego ao alto. Dizia ele que construiria seu ninho na árvore Futuro e que ali, na solidão, as águias lhe trariam alimento nos seus bicos!

A frase de Lobato me deixou pasmo, primeiro por ele ter lido Nietzsche naquela data. Segundo, porque de Nietzsche os leitores e intérpretes falaram as maiores barbaridades. Leitores e intérpretes, inclusive eu, são um perigo. Nunca acreditem neles. A razão para isso é simples. O próprio Nietzsche explicou:

Ninguém consegue tirar das coisas, incluindo os livros, mais do que aquilo que ele já conhece. Pois aquilo a que alguém não pode chegar por meio da experiência, para isso ele não terá ouvidos.

Isso nada tem a ver com erudição. Os eruditos não o entendiam. Um erudito professor da universidade de Berlim, após ler seus textos, sugeriu que ele parasse de escrever como escrevia, porque ninguém se interessava por aquilo que ele escrevia.

Mas Lobato o entendeu. Se não tivesse entendido, não teria escrito o que escreveu. O Riobaldo sabe o segredo do entendimento. “O senhor mesmo sabe. E, se sabe, me entende.” A gente entende quando já sabia. Lobato já sabia. Os dois, Lobato e Nietzsche, tinham a mesma coisa na alma. E, se querem saber o que era, digo. Eles, ambos, amavam as crianças. Não esse amor bobo, as crianças umas gracinhas, tolinhas, com quem se fala só por meio de diminutivos idiotas: tem dois aninhos, vai tomar sopinha, vai pôr roupinha. Levavam as crianças a sério. Concordavam com a opinião de Bernardo Soares, que notava a “diferença hedionda entre a inteligência das crianças e a estupidez dos adultos”. No mundo de Lobato os adultos são seres-sombras, à margem do maravilhoso acontecente no mundo das crianças. Não escrevia para as crianças. Contava, para os adultos, estúpidos, o mundo das crianças. Zaratustra, o grande herói de Nietzsche, seu monstro dionisíaco, era uma criança. Tinha de ser, para se comover até às lágrimas com borboletas e bolhas de sabão. Seus escritos eram borboletas e bolhas de sabão. Os adultos não podiam entender. Num momento de desânimo ante a incompreensão dos adultos, ele escreveu:

Gosto de me assentar aqui onde as crianças brincam, ao lado da parede em ruínas, entre os espinhos e as papoulas vermelhas.

Para as crianças eu sou ainda um sábio, e também para os espinhos e para as papoulas vermelhas.

Escrevia para educar. Mas tinha horror às escolas. Nas escolas se formam os rebanhos de ovelhas, todas balindo igual, todas pensando igual. Ovelha que balisse diferente, que pensasse diferente, ia para o manicômio ou era reprovada. Morreria de rir se tivesse tido a felicidade de ler a Adélia Prado:

Escola é uma coisa sarnenta. Fosse terrorista, raptava era diretor de escola e dentro de três dias amarrava no formigueiro, se não aceitasse minhas condições. Quando acabarem as escolas, quero nascer outra vez.

Escola é máquina de destruir crianças. Nas escolas as crianças são transformadas em adultos. É isto que todos os pais querem: que seus filhos sejam adultos produtivos. Como ficam felizes quando eles passam no vestibular!

Nietzsche andava na direção contrária... Não era ovelha de rebanho. Era cabrito montês, que andava sozinho nas rochas. Criança não é meio para se chegar ao adulto. Criança é fim, o lugar aonde todo adulto deve chegar. Zaratustra tinha trinta anos de idade quando deixou sua casa e o lago de sua casa e subiu para a solidão das montanhas. Lá viveu por dez anos, tendo por companhia a sua serpente, a sua águia e o sol. Chegou um dia, entretanto, em que ele se sentiu como fonte transbordante. E então teve saudades dos homens. Desejou que eles bebessem da sua água. E assim ele orou ao sol:

Eis que estou cansado da minha sabedoria, como uma abelha que ajuntou mel demais; necessito de mãos estendidas que a recebam [...].

Mas, para isso eu tenho de descer às profundezas, como tu, estrela transbordante, o fazes de noite.

E assim começou então a descer. Sua descida passava por uma floresta, a mesma por que passara dez anos antes. Dez anos antes ele se encontrara com um solitário, um eremita, um santo. Encontrou-se com o mesmo eremita que se espantou ao vê-lo:

Esse caminhante não me é estranho; muitos anos atrás ele passou por esse caminho. Ele se chamava Zaratustra. Mas ele mudou. Naquele tempo levava suas cinzas para as montanhas; e agora querará levar seu fogo para os vales? Não terá medo de ser punido como incendiário? [...]

Zaratustra mudou, Zaratustra se transformou numa criança, Zaratustra é um iluminado.

Depois de dez anos de solidão, a iluminação. Iluminado, ele é agora uma criança. “Sim”, continuou o eremita,

eu reconheço Zaratustra. Seus olhos são puros e à volta de sua boca não mora nenhum desgosto. Não anda ele como um dançarino?

Que brigas ele teria com os psicanalistas, que ficam à caça de regressões à infância, esforçando-se para que a criança se mantenha reprimida e o adulto triunfe! Fosse ele um psicanalista (Freud declarou que ninguém podia se comparar a Nietzsche no

conhecimento da alma humana!) e ele passaria o tempo todo à procura da criança que mora nos homens, criança que a educação trancafiou num quarto escuro. “Num homem real se esconde uma criança [...] que deseja brincar”, ele dizia. E é isso que diria àqueles que procurassem a sua sabedoria: “Que a tua vitória e a tua liberdade anseiem por uma criança.” “A maturidade de um homem consiste em encontrar de novo a seriedade que se tinha como criança, ao brincar...”

De fato, o jequitibá é maravilhoso, muito alto, muito velho. No galho de um jequitibá se pode pendurar um balanço. Mas a criança de Nietzsche é mais maravilhosa. Que são a altura e a idade de uma árvore comparadas ao momento efêmero de uma criança que balança no balanço? Bolha de sabão...

Uma criança chora...

A alma anda para trás, navega ao sabor do suave sopro da saudade. Quer voltar ao seu passado. Bernardo Soares sabia, tanto assim que disse: “O vapor em que parti chegou barco de vela ao porto.” A alma tem nostalgia das origens. Nas novidades ela se sente estranha, exilada. Eu, que não viajo de navio, diria: “O avião em que parti aterrissou carro de bois nos cenários da minha infância...” Quanta saudade mora num carro de boi! Por isso esses fantasmas de um mundo que não mais existe gemem enquanto rodam.

A alma dos poetas está cheia de objetos decrépitos. E é por isso que fazem poesia, para trazê-los de novo à vida. A poesia opera ressurreições. O professor Severino, pastor dessas velharias, ao introduzir os seus alunos ao encanto da poesia, sugeriu que fizessem uma lista dos sons que ouviam na sua infância e que não mais se ouvem. O canto do galo, o canto do grilo (tão amado por Bashô!), a música do realejo, o sino das igrejas, o apito rouco da maria-fumaça, o crepitar do fogo no fogão de lenha, as canções de roda cantadas pelas crianças a brincar na rua, o grito da mãe “Menino! Sai do sereno!”, “Saudades do Matão”... “Seria tão bom, como já foi”, lamentou a Adélia. E Fernando Pessoa se comovia lembrando-se das tardes quando, menino, suas tias fritavam bolinhos. E foi isso que levou T. S. Eliot a escrever que, ao final de nossas longas andanças, chegamos finalmente ao lugar de onde partimos. E o vemos então pela primeira vez. Para isto caminhamos a vida inteira: para chegar ao lugar de onde partimos. E, quando chegamos, é a surpresa. É como se nunca o tivéssemos visto. Agora, ao final de nossas andanças, nossos olhos são outros, olhos de velhice, de saudade. “Toda saudade é uma espécie de velhice”, disse o Riobaldo. É por isso que os olhos dos velhos vão se enchendo de ausências. “Memória fraca”, dizem os jovens. Engano: é que a sua alma sabe o que merece ser lembrado. Esquecem-se do que aconteceu ontem, mas se lembram do que aconteceu há muito tempo, como se fosse hoje.

Minha alma tem estado a visitar a minha infância. Fantasias. O que são fantasias? Wordsworth escreveu um lindo poema que termina assim:

As nuvens que se juntam à volta do sol que se põe
ganham suas cores solenes de olhos que têm atentamente observado

a mortalidade humana.

As cores estão lá, no poente. Mas quem só vê as cores não vê nada. A beleza nostálgica do sol que se põe é uma dádiva dos olhos de quem a vê como quem vê pela última vez. Os olhos dos poetas são sempre olhos que se despedem. Pois não foi isso que percebeu Rilke ao dizer: “Quem assim nos fascinou, para que tivéssemos esse olhar de despedida em tudo o que fazemos?” As fantasias de infância são as memórias transfiguradas pela saudade.

Eu poderia colocar minhas fantasias de infância em álbuns diferentes, como se fossem fotografias. Fantasias dos pequenos espaços (a cabaninha, a casa no alto da árvore), as fantasias dos grande espaços (os campos, os jardins), as fantasias da noite com seus terrores...

Antigamente... Menino, essa palavra me intrigava. Ouvia que os grandes em suas visitas noturnas a usavam com frequência. E eu perguntava: “Quando é antigamente?” Nunca me explicaram. Mas agora eu sei quando é antigamente... Pois antigamente os grandes gostavam de fazer sofrer as crianças. Cora Coralina, no seu poema “Antiguidades”, se lembra dos seus sofrimentos:

Criança, no meu tempo de criança,
não valia mesmo nada.
A gente grande da casa
usava e abusava...

Riam, caçoavam, maltratavam, humilhavam. Acho que eles pensavam que as crianças não tinham o “lá dentro” onde mora o sofrimento. Os grandes me faziam sofrer e riam do meu sofrimento. Mentiam para me fazer sofrer. Eu devia ter uns quatro anos, na roça. Perto da casa havia uma mata fechada. Por medo, eu nunca me aproximei dela. Diziam que lá moravam onças. E os grandes me diziam que naquela mata fechada morava um menino. E, para provarem, diziam: “Quer ver?” E gritavam: “Ô menino!” O grito batia na mata e voltava como eco bem fraco: “Ô menino...” Mas eu nada sabia sobre ecos. Sim, era a voz fraca de um menino abandonado. Que pais o teriam deixado lá? E por que ele ficava lá? E a imagem daquele menino não me deixava. De noite, na minha cama, eu me lembrava dele sozinho no escuro. Como eu desejava poder trazê-lo para a segurança da minha casa! Mas eu nada podia fazer. E assim dormia, sofrendo o abandono do menino. Nunca vi o dito menino, porque ele não existia. Mas a alma não sabe o que é isso, o não existir. Aquilo que é sentido existe. A alma é um lugar assombrado onde moram as mais estranhas criaturas que, sem existirem, existem.

Depois nos mudamos da roça para uma cidade. Primeiro, Lambari. Depois, Três Corações. Em Três Corações morávamos numa minúscula casa que tinha um minúsculo alpendre, uma minúscula sala de jantar, dois minúsculos quartos, um minúsculo banheiro e uma minúscula cozinha... Acho que foi construída para sete anões... Lá havia

um batalhão de cavalaria. De longe eu via os soldados com suas fardas, cavalgando cavalos nervosos e brilhantes. De vez em quando, pelas madrugadas, eu ouvia o barulho metálico das ferraduras batendo nas pedras da rua onde estava a minha casa. Era escuro. Em casa todos ressonavam, menos eu. Cuidadosamente eu me levantava e abria uma fresta da janela para ver. Eram muitos, soldados e cavalos. Iam a caminho de algum lugar, vagarosamente, carabinas ao lado dos arreios. E eu imaginava que eles eram seres desconumais, fortíssimos, centauros míticos. Seria um bom tema para um filme de Bergman.

Mudamo-nos para a cidade, mas mantivemos o tempo da roça. Na roça os relógios não eram necessários. Era o escuro da noite que dizia que era hora de dormir. Assim, ia-se para a cama logo depois da janta. Não havia razões para ficar acordado. A luz bruxuleante da lamparina de querosene não era própria para a leitura. Havia também o cansaço do dia que começara ao sol nascente. Além do que, todos sabiam que a noite era um tempo sinistro, quando os seres da escuridão saíam dos seus esconderijos para assustar aqueles que se atreviam a desafiá-la. De todas as horas, a meia-noite era a hora mais temida. Era a hora da magia. As coisas aconteciam sempre quando soava a décima segunda badalada... Assim, jantávamos e íamos para a cama depois de rezar: “Agora me deito para dormir. Guarda-me, ó Deus, em teu amor. Se eu morrer sem acordar, recebe a minh’alma, ó Senhor. Amém.” A morte trabalha durante a noite. Na cidade seguíamos o mesmo tempo. Vezes sem conta ouvimos da cama o relógio da igreja bater as oito horas... Oito horas, noite profunda. Na minha imaginação, a cidade inteira deveria estar dormindo. E era então que eu ouvia a voz rouca de um menino que andava pela rua, a mesma rua por onde passavam os centauros armados: “Olha os pastéis, de carne e de queijo...” Ah! Não era só na roça que havia meninos abandonados. Na cidade também. Um, perdido na mata. O outro, perdido na rua vazia. E eu o imaginava na rua escura anunciando pastéis para pessoas que não havia. Ainda hoje ouço a sua voz de criança solitária e abandonada.

Depois nos mudamos para Varginha, cidade maior. A marcação do tempo mudou. Não mais íamos para a cama depois da janta, porque o trem de ferro passava bem defronte da nossa casa, guinchando trilhos, resfolegando e vomitando milhares de fagulhas. Era o trem das oito. Muito antes que ele aparecesse na curva, a gente sabia que ele estava chegando, porque vinha apitando. Era um trem alegre porque nele vinha o meu pai voltando de suas viagens. A noite passou a ser um escuro feliz. Barulho, apito e fagulhas: tudo era alegria. Acresce o fato de que agora já tínhamos um rádio Phillips para ouvir as novelas, a dupla de violeiros Jararaca e Ratinho e o programa do nhô Totico. A noite ficou mais amiga. Mas na cama, apagadas as luzes, feito o silêncio, sozinho, as imagens de abandono retornavam. Não mais os dois meninos. Eu mesmo. Lembro-me de que, numa dessas noites, eu chorava baixinho. Chorava de angústia. Minha mãe ouviu o meu choro e veio assentar-se ao meu lado para saber o que me fazia sofrer. Expus-lhe, então, a minha aflição. “Mãe, quando eu crescer, como é que vou fazer para arranjar uma mulher?” “Mãe, quando eu crescer como é que vou fazer para ganhar a vida?”

Quem tomar essas perguntas no seu literalismo se rirá delas. Não é engraçado que problemas tão distantes façam uma criança chorar? Mas o seu sentido não se encontra na letra. Ele se encontra no não dito, na noite escura de onde surgiram, noite da minha alma, aquela noite quando seria inútil chamar por pai ou por mãe, porque não haveria ninguém para ouvir. Naquela noite eu chorava pela minha solidão, pelo abandono que me esperava, quando eu seria como o menino da mata ou o menino na rua vazia.

O menino abandonado não me abandonou. Entrou dentro de mim e mora comigo. Me faz sofrer. Me dá ternura. Sempre que vejo uma criança abandonada, eu sofro. Queria poder protegê-la, cuidar dela. Eu me enteneço porque a criança abandonada que mora em mim está sofrendo. Afinal, todos somos crianças abandonadas. Nos momentos de solidão noturna, de insônia, tomamos consciência de que estamos destinados ao abandono, àquele tempo quando será inútil chamar “meu pai” ou “minha mãe”. Os negros norte-americanos conheciam esse sentimento. E com ele compuseram um *spiritual* em ritmo de canção de ninar que diz assim:

Por vezes eu me sinto como uma criança sem mãe,
por vezes eu me sinto como uma criança sem mãe,
longe, muito longe de casa...*

É assim que me sinto, às vezes. Tenho, então, vontade de chorar...

Nota

* Em inglês: "Sometimes I feel like a motherless child, / sometimes I feel like a motherless child, / a long way from home, a long way from home..."

Conversas ao redor do fogão

Lembro-me da sala de visitas da casa do meu avô, num sobradão colonial, lá em Minas. Era um vasto espaço luminoso, que se abria para a praça da cidade em quatro portas envidraçadas que terminavam em sacadas de ferro. O assoalho, de largas tábuas brancas, dizia sua velhice por meio dos rústicos pregos de ferro feitos na bigorna. O teto, esculpido em relevo, sugeria riqueza por meio de frisos dourados. Um gigantesco espelho pendia, oblíquo, da parede dos fundos, duplicando o espaço. Quadros a óleo nas paredes. Vasos importados e bibelôs. Do meio do teto descia um lustre de cristal, que pendia sobre uma mesa hexagonal de mármore. Portas de vidros coloridos, azuis, amarelos, vermelhos, verdes, por onde o sol passava tingindo chão e paredes. Sofá e cadeiras de palhinha, escondendo idade, tão novos e intocados pareciam...

Quase sempre vazia. Não era lugar de convivência cotidiana. Como seu nome dizia, era sala de visitas. Por isso ficava bem na frente da casa, ao final de uma escadaria de dois lances. Dialética de deixar entrar sem deixar entrar. Estar dentro, mas quase fora, sem atingir a intimidade. Visitas podiam entrar, mas não podiam penetrar. Os segredos da casa ficavam assim protegidos... Ali se assentavam as pessoas de cerimônia, em ângulos retos, os homens de pernas cruzadas e botinas engraxadas, as mulheres de joelhos unidos. Servia-se cafezinho com sequilhos, e a conversa acontecia dentro dos limites de uma etiqueta silenciosa que todos respeitavam: “Em casa de enforcado não se fala em corda.” Não se permitem tropeções... Falava-se sobre política, eventos de conhecimento público, tempo, decadência dos costumes, e cuidava-se para que não houvesse silêncios. Os silêncios são sempre embaraçosos porque nunca se sabe o que o outro está pensando...

Os detalhes arquitetônicos podiam variar: havia casas ricas e casas pobres. Mas a filosofia da sala de visitas era sempre a mesma: mostrar o mínimo, elegantemente. O resto da casa – a vida que nela havia – tinha que ficar protegido.

Mas havia um outro lugar onde as visitas não entravam, lugar dos amigos: a cozinha. Ali as pessoas se assentavam à roda do fogão, e o corpo se libertava das regras da etiqueta. Espaço mágico presidido pelo fogo, o corpo livre do controle do espelho, ali aflorava uma outra verdade, pela sedução dos gostos e dos cheiros. O silêncio não

incomodava, porque na cozinha havia um “estar juntos” que permitia a solidão, na encantada contemplação dos paus de lenha que gemiam e desprendiam os seus sucos ferventes pelas frestas de suas fibras. Os corpos experimentavam sua solidariedade com a comida, e os pensamentos ficavam diferentes. Os pensamentos que nascem do fogão não são os mesmos que vivem no espelho. O corpo na sala de visitas não é o mesmo corpo que aparece na cozinha.

Para ir até esse lugar, era preciso penetrar na casa; ele ficava longe da fachada: não se abria para a praça pública, mas para a horta murada. A cozinha ficava depois dos quartos e logo antes do banheiro: lugares de intimidades distintas...

Quem quer que tivesse inventado essa divisão do espaço da casa conhecia os segredos dos espaços do corpo. Pois a casa é uma extensão do corpo. Quem entra dentro de uma casa, entra dentro de um corpo... Os construtores das velhas casas sabiam das coisas da psicanálise. Pois ela diz que o corpo é assim. Tem uma sala de visitas luminosa onde qualquer um pode entrar. Só que, saindo-se dela, vai-se de novo para a praça pública. Vez por outra a cerimoniosa etiqueta é quebrada por acidentes imprevisíveis: cheiros que passam pelas frestas e trazem sugestões do que está sendo cozido no fogão; gemidos abafados, não se sabe se vêm de porões de tortura ou de alcovas de amor; crianças que irrompem correndo e fazem as perguntas proibidas; tropeções involuntários que mostram os convivas em posições inesperadas. Todos continuam gravemente assentados, a conversa prossegue de acordo com as regras, mas sabe-se silenciosamente que, se se penetrar lá dentro da casa, aparecerá uma outra verdade.

Também a sociologia sabe disso. O sociólogo é uma visita indiscreta que não se acanha em pedir para ir ao banheiro, não porque as pressões fisiológicas o obriguem a isso, mas porque as pressões da curiosidade não o deixam em paz. Diante das belas salas de visitas que podem ser vistas da rua, ele se pergunta sobre o que acontece lá dentro, onde a vista não alcança. Sabe-se que o visível é mentiroso: fachada. Por isso não resiste ao convite de um buraco de fechadura. Que haverá lá dentro, longe dos olhos? Uma inspiração, uma orgia, um culto estranho, monotonia, pessoas transformadas em lobisomens, clérigos em festins de amor?

“Os mistérios sociais estão por detrás das fachadas”, diz Peter Berger. Os mistérios das casas mineiras, os mistérios da sociedade, os mistérios do corpo: tudo é muito parecido.

A teologia, coisa humana, não se furta a essa dialética da casa. Há uma teologia da sala de visitas e uma teologia da cozinha.

Na teologia da sala de visitas se falam as coisas respeitáveis sobre os mistérios de Deus, sobre os imperativos da ética, sobre as realidades da política. Como jogadores de xadrez, os participantes parecem absorvidos numa batalha – e por vezes os confrontos são ferozes, ao ponto do famoso “ódio teológico”. Mas as contradições de superfície escondem um acordo silencioso sobre as regras do jogo. Não se pode falar nem sobre os cheiros que vêm da cozinha, nem sobre os gemidos surdos de dor ou de prazer que se ouvem, nem sobre os embaraçosos tropeços que acontecem, vez por outra. Se, por

acaso, uma criança travessa, ignorante das regras da etiqueta, entra na sala e diz uma coisa imprópria, o pai a fulmina com um olhar gélido, acolchoado em tonalidade paternal, que a reduz a um obsequioso silêncio, sob pena de punições mais severas.

Cansei-me da teologia da sala de visitas e moro agora na cozinha. A companhia me agrada. Primeiro, Lutero assentado à mesa com Mellanchton, bebendo sua cerveja. É dali que surge sua Tishrede, conversas ao redor da mesa... Ah! Como é bom fazer teologia assim! Para ser teólogo é preciso um pouco de loucura, pois Deus, quem quer que ele ou ela seja, não é um pássaro preso na gaiola da razão. Não está lá nos textos sagrados que a sabedoria de Deus é loucura? No entanto – e esta é uma lição que se aprende da história da igreja –, o fato é que todos os teólogos da cozinha têm sido estigmatizados com as marcas da heresia. E é triste contemplar o espetáculo dos teólogos da cozinha batendo nas portas da sala de visitas, pedindo por favor que se lhes abram as portas porque eles sabem jogar xadrez de acordo com as regras. Isso eu não faço mais. Se o pessoal da sala de visitas quiser entrar até a cozinha, aceitar ser seduzido pelos cheiros e gostos, concordar em beber um pouco de vinho, permitir-se ser levado pela loucura do Espírito (em inglês – deliciosa revelação semântica –, as bebidas alcoólicas têm o nome de *spirits*...), então poderemos conversar. Não existe nada de insólito nisso, pois, a se acreditar nos relatos inspirados, na experiência do Pentecostes, quando os “possuídos” começaram a falar línguas estranhas, o pessoal que estava na sala de visitas pensou que se tratava de uma orgia. “Estão todos bêbados”, eles disseram. Foi o que Hegel, esse estranho filósofo que tentou, sem êxito, misturar a cozinha com a sala de visitas, compreendeu muito bem, chegando mesmo a afirmar que “a razão é uma orgia bacanal na qual nem um só dos participantes está sóbrio”. Lá está também Feuerbach, que Marx malvadamente distorceu, dizendo que ele só pensava com os olhos. Mas, para Feuerbach, os olhos estão a serviço da boca, como acontece na cozinha. “Cada olhar é um olhar desejanete...” “Somos o que comemos”, ele dizia (“*man ist was man isst*”). Lembro-me de que os lugares sagrados primitivos não eram nem salas de visitas, nem salas de aula, mas altares: fogões onde a carne era queimada. E os textos inspirados dizem que Deus gostava do cheiro pacificante que deles subia.

Na cozinha também se comem os caquis, coisa impensável na sala de visitas. Podem imaginar as visitas de cerimônia, com as mãos e bocas lambuzadas? Quem come caqui tem que aceitar ser criança. E, como não existe salvação a menos que nos tornemos crianças (coisa em que ninguém acredita...), tratei de fazer um ensaio de teologia comestível com o título “Sobre deuses e caquis”. Alguns comeram e gostaram. Outros comeram e não gostaram. Disseram que caqui não combina com a gravidade do Ser divino. Alegaram que eu não levava Deus a sério. Levo Deus muito a sério. Mas não levo a sério este caqui delicioso que se chama teologia. Se eu tivesse falado sobre as chagas de Cristo, tudo estaria bem. Feridas são respeitáveis; combinam com o Ser divino. Penso diferente. Quem é grave é o diabo. Ele se sente bem na sala de visitas. Mas Deus é Espírito, leve, faz todas as coisas voarem e dançarem.

Tenho a suspeita de que nossas conversas ecumênicas aconteçam sempre na sala de

visitas, governadas pela dialética do entrar sem deixar entrar. Se se sentem cheiros culinários ou se se ouvem gemidos reveladores, todos observam respeitoso silêncio. Também as igrejas têm salas de visitas e cozinhas, só que nas cozinhas os visitantes não podem entrar. E me veio a hipótese, que desejo explorar, de que o respeitável discurso da ética e da política, que acontece segundo a etiqueta da sala de visitas, é uma forma de silenciar um outro discurso proibido, mal/dito: o discurso do amor.

A fala do poder não nos causa embaraço algum. Sobre ela não paira nenhum interdito. Tanto que, ao que me consta, as autoridades eclesásticas, até o momento, não lançaram proibições sobre os *rambos* da vida nem sobre aqueles que se dedicam à fabricação das armas. No entanto, pudicos parlamentares evangélicos se movimentaram para que se retirassem, do salão do congresso, telas que mostravam os seios nus das mulheres, enquanto conservadores e liberais católicos se uniram para impedir a apresentação de *Je vous salue, Marie!* Camisinhas de Vênus são terrores infernais maiores que a violência do poder. Como disse alguém, censor é aquele que corta a cena quando o mocinho beija o seio da mocinha e deixa a cena quando o bandido corta o seio da mocinha. Brinco com a insólita possibilidade de que o discurso político tenha a função não confessada de silenciar o discurso erótico. É sintomático que, até agora, tanto as teologias conservadoras quanto as revolucionárias não tenham sido capazes de elaborar um discurso prazeroso, e muito menos um discurso sobre o prazer. A ética e a política parecem-me ser a continuação moderna do ascetismo que faz silêncio sobre as vozes do corpo. O discurso do sacrifício vai muito bem na sala de visitas.

Teologia ao redor do fogão: aquela que tem a coragem para penetrar nas intimidades da casa. Claro que ela é embaraçosa. Mas penso que esse é o único caminho para uma honestidade ecumênica. É preciso que nos assentemos juntos ao redor do fogo para ali falar sobre o fogo que queima dentro dos corpos que a sala de visitas congelou.

Para quem será?

Sem razão aparente alguma, sem que eu a tivesse chamado, uma parábola de Jesus saiu por iniciativa própria do arquivo da minha memória em que ela se encontrava guardada fazia muitos anos:

Havia um homem rico cujas terras lhe deram grande colheita. E pensava consigo mesmo: “O que vou fazer? Não tenho onde guardar a colheita.” Disse então: “Já sei o que vou fazer; vou derrubar os celeiros para fazê-los maiores e ali guardar todo o trigo e os meus bens. E direi à minha vida: Tens muitos bens armazenados para muitos anos. Descansa, come, bebe, regala-te.” Deus, porém, lhe disse: “Insensato! Ainda nesta mesma noite tirarão a tua vida. E para quem ficará tudo o que acumulaste?”

(Lucas 12,16-21).

Ouvi muitos sermões sobre esse texto. Os pregadores gostavam dele. Usavam-no para amedrontar os homens com a possibilidade da morte e com os horrores do inferno. Dessa forma, com frequência conseguiam submetê-los à sua manipulação espiritual. Mas a parábola não fala sobre isso. A sua pungência se encontra na pergunta terrível: “Para quem ficará tudo o que acumulaste?”

Acumular é um dos mais profundos instintos da alma. Porque a alma ama. O amor deseja possuir. Se amo a casinha de paredes brancas e janelas azuis, por que não possuí-la, se posso? Se ela for minha, eu cuidarei dela, plantarei um jardim. Se amo a cachorrinha que brinca, por que não possuí-la? Se eu, que a amo, a possuir, cuidarei dela e nós dois passearemos pelo parque. Se amo a música que ouço, por que não possuir o *CD*? Eu o levarei para casa e poderei gozá-lo quantas vezes quiser. O amor é onívoro – quer comer tudo. Comer é a forma mais radical de possuir. Comendo, o que estava fora e era outro passa a ser parte do meu próprio corpo. “Sou onívoro de sentimentos, de seres, de livros, de acontecimentos e lutas. Comería toda a terra. Beberia todo o mar”, dizia Neruda.

Eu ajuntei muitas coisas e estou sendo perturbado pela pergunta da parábola: “Para quem ficará tudo o que acumulaste?” Quando o que se acumulou se resume a bens e dinheiro, a resposta é fácil. Dinheiro e bens são valores que se medem por meio de números. Assim, basta dividir o total pelo número dos herdeiros definidos legalmente e dar a cada um a parte que lhe cabe.

Mas e as outras coisas que acumulei? Jesus comparou o corpo a um tesouro do qual cada um tira as coisas que juntou. Cada pessoa tem um tesouro que é único, só seu. No meu tesouro há uma quantidade enorme de coisas absolutamente inúteis, que não têm nenhum valor de mercado. Livros usados, alguns, os que mais amo, já caindo aos pedaços, de tanto amor que fizemos. Há os CDs – gosto particular meu. Outros não teriam paciência para ouvi-los. Como esse que estou ouvindo agora, três suítes para violoncelo de Bach, transcritas para flauta doce. Quadros – o mais querido sendo *Mulher lendo uma carta* (sempre que falo sobre essa tela de Vermeer, quase choro). Livros de poesia, literatura, arte, jardins. Um peso de papel de vidro verde-claro. Fotografias. Cartas. Memórias. Parece estranho, mas o fato é que memórias são também objetos que acumulamos. Estão guardadas no nosso tesouro. Há umas memórias das quais me livraria com prazer. Seria preciso inventar uma técnica de faxina de memórias: uma vez por ano, limpeza das memórias que fazem sofrer. Mas há as memórias que amo. Curioso: nenhuma delas é sobre acontecimentos importantes. São memórias-brinquedo: fico brincando com elas. E isso me faz feliz. Bobagens: a cena de um menino andando a cavalo de madrugada no meio do campo coberto com capim-gordura, o barulho da água caindo no monjolo, a música dolorida-apaixonada dos carros de boi, o apito rouco da maria-fumaça, as minhas cachorras, chupar jabuticaba no alto da jabuticabeira, momentos de amor leve com as pessoas que amo, e uma infinidade de cenas, como se fossem fotografias, que ficaram gravadas na minha memória. Quando eu morrer, vão se perder. Mas não quero que se percam. Tenho de dá-las para alguém que tome conta delas. Aí me vem a aflição por escrever. Quando escrevo, estou lutando contra a morte. A morte das coisas que o meu amor juntou e que vão se perder quando eu morrer.

Alberto Caeiro diz:

Eu nunca guardei rebanhos,

Mas é como se os guardasse.

[...]

Quando me sento a escrever versos [...],

Sinto um cajado nas mãos [...],

Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias,

Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho.

Também sou guardador de rebanhos. Minhas ovelhas são minhas ideias. Para quem ficarão minhas ovelhas? Quem cuidará delas? Não quero que minhas ovelhas fiquem para

um açougueiro. Açougueiro só reconhece ovelhas mortas penduradas em ganchos no açougue. Ovelhas são dinheiro. Mas minhas ovelhas não são dinheiro.

O que a gente acumula é parte da gente – porque somente o amado é acumulado. Como disse, tudo é fácil quando o que se acumula se resume a dinheiro. Quem só acumulou dinheiro é porque só amou dinheiro. A coisa se complica quando o que se juntou foram ovelhas. É preciso encontrar alguém que as ame, que tenha alma de pastor, que as chame pelo nome, que as conduza por pastos verdes e fontes de águas frescas, as defenda dos lobos e as acaricie ao fim da tarde.

Mas o fato é que não é possível acumular coisa alguma. O acumular é uma ilusão. Por isso Deus chamou o rico de insensato. Uma outra versão diz: “louco”, alguém que perdeu o juízo. Quem pensa que acumula é doido. Bernardo Soares, no *Livro do Desassossego*, medita num estilo que faz lembrar santo Agostinho nas *Confissões*:

Que possuímos? Que possuímos? Possuímos a alma? Ouve-me em silêncio. Nós não a possuímos. Nem a nossa alma é nossa sequer. Como, de resto, possuir uma alma? E se não possuo o meu corpo, como posso eu possuir com ele? Eu não possuo a minha alma – como posso possuir com ela?

Releio a parábola. Não me causa medo. Deus não tem vinganças a realizar. Mas a pergunta me atravessa: “Para quem ficará tudo o que acumulaste?” Quem cuidará do meu rebanho?

Mas, talvez, essa seja uma pergunta ociosa, impossível de ser respondida. Eu apenas tive a ilusão de possuir um rebanho, apenas tive a ilusão de haver acumulado objetos, memórias, ideias. Esse rebanho nunca foi meu. É um grande rebanho que pasta pelos pastos do mundo, ovelhas à procura de quem cuide delas. Por um tempo estiveram sob os meus cuidados: eu as chamava pelo nome. Depois sairão por aí e encontrarão um pastor. Muitos são os pastores. De vez em quando a gente topa com um deles, e então é aquela alegria. Tocamos flauta juntos. Assim, não há por que me preocupar. Minhas ovelhas não ficarão abandonadas.

Todo o poder à criança

Quando eu era menino, lá no interior de Minas, véspera de Natal era quando a criança ia mais cedo para a cama: para apressar o milagre. Pois se sabia que Papai Noel só chega durante o sono. Natal era isto: evento do país dos sonhos, aparição noturna e onírica – só acontece no meio escuro da noite, quando o coração deseja muito. E a gente punha os sapatos vazios ao lado da cama. Pois não é precisamente isso que é o desejo? Um vazio, durante o sono, que se oferece como um pedido e esperança?

Os natais de hoje ficaram diferentes. Há um ar triste de nostalgia, saudade indefinida, não se sabe de quê. E, se o Riobaldo está certo, é que ficamos velhos, porque toda saudade é uma espécie de velhice. Natal é triste porque se tenta pegar uma coisa que não volta mais. É (quase) luto, procura do que se perdeu... Tanto é assim que nele não se admitem coisas novas. As canções têm que ser as mesmas, pois é nelas que moram as memórias. E também os bolos e as frutas, nossos amigos de infância: sacramentos de uma meninice que se foi. E se fazemos tanta festa não é porque estejamos alegres. É para espantar a tristeza...

É. Naqueles tempos de infância a gente sonhava. Os sonhos eram pequenos e cabiam num sapato. Hoje os sapatos são muito maiores. Só que não nos esquecemos dos sonhos. De modo que não há presente que nos faça sorrir... Já não sabemos o nome da nossa verdade. Daí a nostalgia sem remédio. Seria preciso recordar os primeiros relatos, que nos vêm de tempos imemoriais...

O sonho começa com a imagem espantosa de uma virgem grávida, dando à luz uma criancinha. Pena que os intérpretes de sonhos tenham sido substituídos por repórteres de fatos, e aquilo que era um poema onírico a ser decifrado – nascimento virginal – passou a ser noticiado como impossibilidade ginecológica a ser acreditada, sob pena de inquisições. E assim quebraram o encanto: tiraram o Natal do mundo dos sonhos (que é onde moram os desejos) e o puseram no meio dos fatos acontecidos. A diferença? Um desejo esperado pode ser sonhado pela humanidade inteira, não conhece nem tempo nem espaço. Mas um fato está condenado a se perder na distância e no tempo. Claro que é impossível que uma virgem fique grávida. Isso é sonho, que anuncia que é preciso esperar mesmo quando não há esperança. Ou, talvez, um pouco mais: que é preciso viver

como se os sonhos impossíveis fossem acontecer...

Aí a cena se altera bruscamente, e aparecem homens estranhos vindos do Oriente. Um boato persistente diz que eram reis. Mas o relato original do sonho diz apenas que eram astrólogos. Olhavam para as estrelas, não para saber os caminhos dos céus. Se assim fosse, seriam astrônomos. Olhavam os astros para encontrar neles o caminho dos desejos dos homens. Parece que desde tempos imemoriais tem sido forte a suspeita de que o nosso destino se liga aos mistérios dos astros. Eu mesmo, sempre que um meteoro ilumina os céus (coisa efêmera...), não posso evitar o aparecimento de meu desejo mais profundo. Penso que este, talvez, poderia ser parte do segredo do sonho: que nesta nostalgia imensa que não nos abandona moram os nossos desejos mais antigos, esquecidos. Daí a dor da saudade: desejar, sem se saber o que se deseja, um sapato vazio, sem nenhum pedido, Papai Noel que não vem...

Mas, como em todo sonho, a cena se altera de novo. As imagens astrais dão lugar a um rei enlouquecido, Herodes ordenando a matança das criancinhas. É que ele percebeu (e com razão) que aquele era um sonho subversivo que não podia ser sonhado, pois, se viesse a ser realizado, seria o fim de todos os reis. O sonho messiânico: o poder arrancado da mão dos políticos e colocado na mão de um menino recém-nascido. É que as criancinhas ainda não experimentaram o fascínio diabólico do poder pelo poder e participam ainda da bem-aventurança paradisíaca em que o poder só tem sentido se produzir objetos de prazer. Criança é isto: desejo de prazer, corpo entregue ao brinquedo, atividade que é um fim em si mesmo, pela pura alegria que produz. Na linguagem dos sonhos: é preciso que os adultos se transformem em crianças. Na linguagem psicanalítica: o princípio da realidade tem de se subordinar ao princípio do prazer. Ou na linguagem da política: o fim do poder é o prazer.

Sonho messiânico: a volta ao paraíso, a política chegando ao seu fim. Pois não será esta a única finalidade da política: produzir os objetos de prazer? Não será por isso que se fazem todas as revoluções? Que haja rios de águas limpas onde se possa pescar e praias não poluídas onde seja bom nadar. Que os bosques sejam preservados, e haja pássaros e bichos, porque sem eles o mundo seria muito triste. E nas cidades haja praças onde os velhos, os adultos e as crianças venham passear. E as panelas estejam cheias de comida, e haja casas onde morar, terra para se cultivar, lugares bons onde trabalhar... Claro que muitas coisas teriam de ser transformadas. As espadas virariam arados; as fábricas de armas, não importa se para uso doméstico ou internacional, se metamorfoseariam em fábricas de tratores. Se não queremos a violência, como conviver com a hipocrisia de gerar riqueza com instrumentos de morte? As botas e as fardas, tão bonitas, seriam incendiadas, como fogueiras. E os adultos sérios deixariam aparecer as crianças que moram neles (reprimidas), enquanto os políticos, sem gravata, sem o dedo em riste e a cara indignada que é típica dos seus discursos, se dedicariam ao que realmente importa: a administração do jardim, espaço aberto para o prazer.

Pois não é isso que desejamos?

E a gente, embalada pela possibilidade do impossível – uma virgem dá à luz – se

entrega aos devaneios que os astros sugerem e trata de pôr um fim à loucura dos herodes
que andam por aí, para que a criancinha possa viver...

Você que trabalhou, batalhou, criou os filhos, envelheceu... Os filhos cresceram, saíram de casa, você se aposentou... E agora o tempo se estende vazio à sua frente, pouco importa levantar-se cedo ou tarde, não faz diferença, os dias ficaram todos iguais, não há batalhas a travar, ninguém precisa de você... Cada dia é um peso, é preciso matar o tempo, descobrir um jeito de não pensar, pois o pensamento dói, e vem uma vontade de beber, uma vontade de esquecer, uma vontade de morrer...

Chegou o momento da inutilidade, e é isso que você não suporta, pois lhe ensinaram (e você acreditou) que os homens e as mulheres são como as ferramentas, que só valem enquanto forem úteis. Um serrote velho, uma enxada gasta, um alicate torto, um fósforo riscado, uma lâmpada queimada, não prestam para nada. Não merecem ser guardados. Só ocupam o espaço e devem ser jogados fora. Pois é, ensinaram-lhe que você é uma ferramenta que merece viver enquanto puder fazer. E agora que o seu fazer não faz mais diferença, você se coloca ao lado dos objetos sem uso. À espera de que a morte venha colocá-lo no devido lugar, pois nada mais há que esperar. Você está sem esperança.

Você aprendeu bem – a prova disso é o seu rosto triste e cansado de viver. Mas lhe ensinaram mal, muito mal. Pois nós não somos ferramentas. Não vivemos para ser úteis. Dizem os textos sagrados que Deus trabalhou seis dias para plantar um jardim. Terminado o trabalho, já não havia nada mais para ser feito. E foi justamente então que Deus sentiu a maior alegria. Terminado o tempo do trabalho, chegara o tempo do desfrute. E o Criador se transformou em amante: entregou-se ao gozo de tudo o que fizera. Com as mãos pendidas (pois tudo o que devia ser feito já havia sido feito), seus olhos se abriram mais. Olhou para tudo e viu que era lindo. Pôs-se a passear pelo jardim, gozando as delícias do vento fresco da tarde. E, embora os poemas nada digam a respeito, imagino que o Criador tenha também se deleitado com o gosto bom dos frutos e com o perfume das flores – pois que razões teria ele para criar coisas tão boas se não sentisse nelas prazer? Se há uma lição a ser aprendida desses textos, lição que você deve aprender com toda a atenção – esquecendo-se de tudo o mais que lhe ensinaram – é que não somos como serrotes, enxadas, alicates, fósforos e lâmpadas que, uma vez sem o que fazer, são jogados fora. A nossa vida começa justamente com o advento da inutilidade.

Pois o momento da inutilidade marca o início da vida de gozo. Nada mais preciso fazer. Travei as batalhas que tinha de travar. Nada devo a ninguém. Estou livre agora para me entregar ao deleite.

E você me pergunta, então, onde está a escola em que se ensina essa sabedoria esquecida... Não, não há escolas para isso. Todas as escolas só nos ensinam a ser ferramentas. Será preciso que você procure mestres que ainda não foram enfeitados por elas. Você deve procurar as crianças. Somente elas têm o poder para quebrar o feitiço que o está matando ainda em vida.

As almas dos velhos e das crianças brincam no mesmo tempo. As crianças ainda sabem aquilo que os velhos esqueceram e têm de aprender de novo: que a vida é brinquedo que para nada serve, e não ser para a alegria!

Entregue-se, sem vergonha e sem sentimentos de culpa, às delícias do ócio. Aprenda a andar sem ter de chegar a lugar algum, simplesmente gozando o mundo que nos cerca! Faça o fantástico turismo gratuito dos livros. Você irá a tempos e lugares aonde avião algum pode chegar; ao Japão dos samurais; ao Macondo do *Cem anos de solidão*; ao mundo jagunço do Riobaldo; e poderá mesmo voar na passarela do padre Bartolomeu de Gusmão, com o Saramago. Para isso não é necessário dinheiro, só imaginação. E, se a imaginação lhe falta, veja o vídeo *As aventuras do Barão de Munchausen*. Há também o mundo maravilhoso da música. Lembro-me do senhor Américo, que nos seus 85 anos descobriu a beleza da música clássica e a ela se entregou até a morte, como se ela fosse uma amante. Por fim, leia estas palavras de Hokusai, pintor japonês (1760-1849), escritas depois dos setenta anos:

Desde os seis anos tenho mania de desenhar a forma das coisas. Aos cinquenta anos publiquei uma infinidade de desenhos. Mas tudo o que produzi antes dos setenta não é digno de ser levado em conta. Aos 73 anos aprendi um pouco sobre a verdadeira estrutura da natureza dos animais, plantas, pássaros, peixes e insetos. Com certeza, quando tiver oitenta anos, terei realizado mais progressos, aos noventa penetrarei no mistério das coisas, aos cem, por certo, terei atingido uma fase maravilhosa e, quando tiver 110 anos, qualquer coisa que fizer, seja um ponto, seja uma linha, terá vida.

Vamos! A vida é bela. Pare de namorar a morte! Beba a taça até o fim!

Antes que se rompa o fio

O telefone chamou e deu a notícia: você ficará diferente de todos nós. Nós, que continuamos automáticos e seguros a andar pela planície, repetindo as mesmas rotinas do dia: o café da manhã, o jornal, o carro precisa ser lavado, o que vamos ter para o almoço?, a correspondência, a lamentação sobre a crise econômica, que faremos no próximo fim de semana? Mas de repente tudo isso cessou para você, pois você está pendurado sobre o abismo, preso por um tênue fio, contemplando a grande escuridão. Só nos resta olhar e esperar. E a alma se encheu de uma imensa tristeza ante a possibilidade de um adeus. Mas eu não quero lhe dizer adeus, pois a sua presença faz parte da nossa alegria. E, no entanto, é isto que nós somos, sem que tenhamos coragem para dizê-lo: um adeus. É por isso que precisamos dos poetas. Pois eles são aqueles que tecem as suas palavras em volta do frágil fio que nos amarra sobre o abismo. Eles sabem que nos nossos corpos mora um adeus. Como dizia a Cecília Meireles: “Tudo em ti era uma ausência que se demorava: uma despedida pronta a cumprir-se”.

De repente, sem nenhum anúncio.

De repente do riso fez-se o pranto

Silencioso e branco como a bruma [...]

De repente da calma fez-se o vento [...]

De repente, não mais que de repente

Fez-se [...] de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante [...]

De repente, não mais que de repente

(Vinicius de Moraes).

Mas não é absurdo? Este “de repente”? Já disse que não quero que ela venha súbita. O que espanta a todos os que me ouvem, que dizem que o melhor é que ela venha sem avisar e nos apague bem no meio de uma risada ou de um ritual de amor. Acho mesmo é que eles têm medo dos pensamentos que pensariam no tempo da espera. Pela vida inteira

se recusaram a conversar com a Morte e se sentiriam enlouquecidos com as perguntas da suprema filósofa. Melhor recebê-la como um golpe final sem palavras, que faz cessar todos os pensamentos. Tive um amigo, Alexander Schmemann, teólogo místico russo que, informado pelo seu médico de que no seu cérebro havia um tumor inoperável e de que só lhe restavam seis meses de vida, disse: “É bom saber disso. Tenho tempo suficiente para celebrar a liturgia da morte.” E desde esse momento se dedicou a fazer exatamente aquilo que sempre desejara fazer, não permitindo que coisa alguma e nem mesmo os mais bem-intencionados consoladores (a praga suprema) o interrompessem: ler os livros que nunca lera, olhar a natureza com olhos que nunca tivera, ouvir suas músicas preferidas com ouvidos que acabavam de nascer. Eu gostaria que uma graça semelhante me fosse concedida: poder preparar o fim da minha vida como um compositor termina a sua sonata – para deixá-la perfeita e completa, como herança àqueles a quem amo, obra de arte acabada e bela.

Mas a vida não acontece assim. É como naquele terrível poema de Vallejo:

Há golpes na vida, tão fortes... Não sei! [...]

São poucos, mas são... Abrem sulcos escuros
no rosto mais indômito e no dorso mais forte. [...]

E o homem... Pobre... pobre! [...]

Volta os olhos enlouquecidos, e tudo o que foi vivido
se empoça, como charco de culpa, no olhar.

Há golpes na vida, tão fortes... Nem sei!*

Ainda há poucos dias, no meio de risos, cerveja gelada e picanha, éramos donos do mundo, percorríamos mapas, imaginávamos os lugares que veríamos e antegozávamos uma felicidade futura. Mas, de repente, não mais que de repente, o duro golpe na vida, e tudo se fez espuma.

Estranho. Acho que estou ficando acostumado com o martelo e com a bigorna do diabo. Não me assustei. Estava escrevendo uma crônica para o jornal quando o telefone deu a notícia.

Meus sentimentos fugiram do texto, e tudo o que eu havia escrito me pareceu tolo e sem sentido. Até aquele momento escrevia para muitos anônimos, cujos rostos eu nunca vi, cujas dores eu nunca senti. De repente os muitos desapareceram da minha frente, e o seu era o único rosto que eu via. Queria estar ao seu lado, segurar a sua mão. Mas você está longe – e fui então para a minha solidão. Consertei uma cerca. Tinha um buraco por onde a cachorra escapulia. Cuidei da horta abandonada, onde umas plantas teimavam em viver. Limpei o aquário. Preguei uns quadros da parede. “Há que se cuidar da vida...”**

Pensei neste absurdo – mas tem que ser assim – que quando morrermos a vida continuará. Ela tem de continuar, pois continua a ser bela, a despeito de tudo.

Em outros tempos eu tinha medo da morte. E até disse isso numa pequena autobiografia que apareceu na última capa de um dos meus livros, o que provocou protestos indignados de pessoas religiosas que acham que a morte é melhor que a vida. Para elas, eu penso, cada morte é sempre um motivo de júbilo. “Está muito melhor agora”, dizem os tolos consoladores profissionais, nos velórios. O que me deixa perplexo, porque então as lágrimas não têm explicação. Deveriam, mesmo, é estar dando uma festa.

Meus sentimentos mudaram. A morte não mais me causa medo. O que ela me dá é uma imensa tristeza. Muitos, muitos anos atrás, quando minha filha Raquel não tinha mais que três anos – eu ainda estava dormindo –, ela me acordou com uma pergunta que eu nunca ouvira, uma pergunta de tal densidade poético-metafísica que tive a impressão de estar ouvindo uma voz vinda de séculos de sabedoria e não de uma menininha que começava a viver – é certo que coisa semelhante eu nunca haveria de ouvir da boca de um adulto: “Papai, quando você morrer, você vai sentir saudades?” Ante o meu espanto sem palavras, ela acrescentou: “Mas não chore não. Eu vou te abraçar...” Ela entendera que a dor da morte não é a dor do medo. É a dor da saudade. Imaginar a ausência das coisas que amamos: a cerca para ser consertada, a horta para ser cuidada, o aquário para ser limpo, os quadros a serem pendurados... Cecília Meireles escreveu uma “Elegia” para a sua avó morta, que é, talvez, a mais bela canção de saudade que eu conheço. Ela fala sobre as cigarras que cantam e os trovões que caminham por cima da terra, a chuva que corre pelas montanhas, as noites claras, o canto dos grilos que faz palpitir o cheiro molhado do chão, as frutas maduras, o arrulho dos pássaros, os cravos de perfume profundo e obscuro, a areia branca e seca junto ao mar lampejante, as nuvens brancas, o desenho das pombas voantes, o destino dos trens pelas montanhas, o brilho tênue de cada estrela, imagens do mundo que amamos, com o mar, seus peixes e barcas, os pomares e seus cestos derramados de frutos, os jardins de malva e trevo, com seus perfumes brancos e vermelhos.

Ah! A vida é bela! O mundo é belo! É por isso que toda despedida é triste. E é isto que eu sinto: que a morte é uma saudade sem remédio.

Destá distância onde estou quero lhe dizer isto: você faz parte da maravilha do mundo. É preciso que você fique, para que a saudade seja, pelo menos, adiada. Pois isto é o máximo que podemos fazer: adiar a saudade. Mais cedo ou mais tarde “se romperá o fio de prata, e se despedaçará o copo de ouro, e se quebrará o cântaro junto à fonte” (Eclesiastes 12,6).

E, quando isso acontecer, só nos restará fazer a mais inútil de todas as coisas: chorar...

Até lá, celebraremos a vida. Por favor, não vá agora!

Notas

* No original: “Hay golpes en la vida, tan fuertes... Yo no sé! [...] / Son pocos; pero son... Abren zanjas oscuras / en el rostro más fiero y en el lomo más fuerte. [...] / Y el hombre... Pobre... pobre! [...] / Vuelve los ojos locos, y todo lo vivido / se empoza, como un charco de culpa, en la mirada. / Hay golpes en la vida, tan fuertes... Yo no sé!”

** Verso da canção “Coração de estudante”, de Milton Nascimento e Wagner Tiso.

Testamento

Tempos atrás eu sugeri que se fizesse uma mudança na liturgia que marca a passagem dos anos da vida de uma pessoa, que não mais se apagassem as velinhas, como se a morte dos anos passados fosse coisa a ser celebrada, mas que se acendessem uma única vela, na esperança de um futuro semelhante ao da vela, de luz e tranquilidade.

Num ensaio que escreveu sobre a filosofia do mobiliário, Edgar Allan Poe manifestou o seu horror aos tipos de iluminação que, já no seu tempo, iam tornando as velas obsoletas. Ele sabia que o que estava em jogo não era apenas a luz, no seu aspecto físico. Era a alma. Bachelard tem a mesma opinião. Tanto assim que, na sua meditação sobre *A chama de uma vela*, ele observou que há cantos do nosso psiquismo que só suportam uma luz bruxuleante. Uma pessoa diante da luz fluorescente não é a mesma diante de uma vela que queima na escuridão. Disso sabem os amantes e é por isso que escolhem jantar à luz das velas.

O tempo passou e chegou a hora de reacender a minha vela. E não é possível fazer isso sem pensar aqueles pensamentos que só se mostram quando a luz bruxuleante se acende. Que pensamentos pensarei? Acho que vou meditar sobre o meu testamento. É uma ideia da qual não se pode fugir, quando se dá conta de que a cera que resta é muito menos que a cera que já se queimou.

O testamento é o que restou, depois de feitas todas as somas e subtrações. É aquilo que se passa às mãos dos que continuarão a viver depois de nós, com um pedido: “Por favor, na minha ausência, não se esqueça de regar a minha planta...”

Claro que não estou pensando nas coisas que fui ajuntando, ao passar dos anos. Elas não têm a menor importância. Não têm o poder de nos tornar nem mais sábios nem mais felizes. Porque sabedoria e felicidade são coisas que crescem por dentro, enquanto as coisas ajuntadas ficam de fora. Pelo contrário: já vi vidas e amizades perturbadas e destruídas pela disputa de uma herança.

Mas aí me descubro ansioso. Porque a distribuição de propriedades e objetos é coisa simples – basta que se escreva um testamento. Mas aquilo que eu realmente desejo dar para os meus filhos não pode ser dado. É coisa que só pode ser semeada, na esperança de que venha a crescer.

Acho que a minha situação se parece com a do Vinicius. Também ele queria deixar um testamento. Não de coisas, como se fosse um ritual eucarístico, em que o que se dá aos outros são pedaços do próprio corpo, na esperança de que eles comerão e gostarão. No fundo o que se deseja é a imortalidade: continuar vivos naqueles que comem o que lhes oferecemos como herança.

Mas só existe um jeito de dar ao outro aquilo que é a carne da gente: falando. Vejam só que coisa mais pobre: uma herança onde as coisas deixadas são palavras.

Pois foi justo isso que fez o Vinicius. Seu testamento, de que transcrevo alguns fragmentos, é um poema: “O haver”. Debaixo desse título, tirado da escrituração comercial, está listada a sua “declaração de bens”, o inventário do que sobrou e que ele oferece aos herdeiros.

Resta, acima de tudo, essa capacidade de ternura

Essa intimidade perfeita com o silêncio [...]

Resta essa vontade de chorar diante da beleza

Essa cólera cega em face da injustiça e do mal-entendido [...]

Resta esse sentimento da infância subitamente desentranhado

De pequenos absurdos, essa tola capacidade

De rir à toa [...]

Resta essa faculdade incoercível de sonhar

De transfigurar a realidade [...]

e essa pequenina luz indecifrável

A que às vezes os poetas dão o nome de esperança. [...]

Resta [...] essa coragem indizível diante do grande medo [...]

Resta essa pobreza intrínseca, esse orgulho, essa vaidade

De não querer ser príncipe senão do seu reino.

Sob a luz da minha vela vou ler o poema inteiro. O próprio Vinicius, ao escrever, se sentia como uma vela e dizia: “Resta esse coração queimando como um círio numa catedral em ruínas...”

E é isto que desejo deixar aos meus filhos como herança: a imagem da vela que queima na solidão silenciosa, sem se deixar perturbar pela loucura barulhenta e apressada dos homens de ação e sucesso; sob a luz da vela, no gozo da tranquilidade solitária, acordar o poeta que dorme em nós. O que não é garantia de felicidade. Mas é garantia de beleza e de serenidade. E que coisa mais pode alguém desejar receber como herança?

O telefone celular

Em Minas, antigamente, era comum nas portas, à frente das casas, um buraquinho por onde passava um barbante. O barbante estava amarrado ao trinco. Bastava puxar o barbante do lado de fora para que a porta se abrisse. Assim, qualquer pessoa, a qualquer hora, podia entrar, sem precisar bater e, se não houvesse ninguém na casa, ir até a cozinha e tomar um cafezinho quente no fogão de lenha. Não conheço caso de que esse gesto de cortesia e confiança, o barbante pendente, tivesse sido desrespeitado. Imaginemos entretanto, em puro devaneio literário, que, num dia qualquer, voltando para casa, o morador a encontrasse ocupada por todo tipo de pessoas (havam entrado puxando o barbante): umas, amigas, sempre bem-vindas, mas a maioria desconhecidas, que enchiam as salas, os quartos, os corredores, os banheiros, a cozinha... Algumas, simpáticas, sorridentes; outras, meio vadias, tinham entrado porque era fácil puxar o barbante... Pois foi precisamente essa a imagem que me veio ao ler o artigo justamente irado do frei Beto, a propósito de uma invasão sofrida. Antigamente, quando era preciso escrever no papel, sobrescritar envelope, ir ao correio e colar selo, a trabalhadeira era muito grande. Por isso as cartas eram sempre sobre coisas importantes. Hoje, quem não tem o que fazer faz uso da facilidade para ficar mandando *e-mails*. O frei Beto encontrou 137 *e-mails* à sua espera. Aí ele ficou muito bravo e fez uso da tecla *delete* para dar expressão ao seu sadismo...

Pois eu vou me juntar ao frei Beto para falar mal do telefone celular. Faz tempo, comprei um, daqueles pesadões, hoje elefantes se comparados aos mais modernos, pequenos beija-flores que se seguram delicadamente com o indicador e o polegar. Me sinto humilhado, pela comparação. Pensei em comprar um beija-flor, para exibir minha modernidade. Mas não adianta. O meu, neste momento em que escrevo, não sei onde está. Também não adianta. Está sempre desligado. Acho que não quero ser encontrado.

Psicanalista, tenho o costume de ficar interpretando os objetos. O telefone sendo um deles. Descobri, num museu da cidade de Lavras, uma “folhinha” colorida da loja da minha avó, Sophia Alves do Espírito Santo, próspera e progressista. Data: 1917. Está lá, o número do telefone: 23. Pensei: para quê? Quantos telefones devia haver em Boa Esperança naquele ano? Dois? Três? E, mesmo se houvesse, as pessoas não faziam

compras por telefone. O tempo era muito comprido, e as pessoas queriam mesmo era ir ao lugar, para matar o tempo que não passava e prostrar. Negócios com a capital? Impossível. Não se faziam negócios por telefone. Mesmo porque não se conseguia ouvir o que se dizia. Minha avó tinha telefone não por razões práticas, mas, como sugeriram Veblen e Freud, por razões simbólicas. Para esnobar riqueza. Quem tinha telefone era rico.

Telefonema era coisa grave. As casas não tinham telefone. Havia um “posto telefônico”. A chamada chegava ao posto, que enviava um mensageiro à casa da pessoa chamada. Chegava o mensageiro, todo mundo estremeceia. Tinha de ser coisa muito grave. “Quem será que morreu?”, perguntava-se.

Acho que é essa gravidade ancestral de uma chamada telefônica que explica o fato de que, quando o telefone toca, todo mundo corre. Interrompe-se tudo. Não conheço ninguém que, tocando o telefone, deixe o telefone tocar. Preciso resolver um assunto num escritório. Paro minhas coisas para ir lá. No balcão, ou numa mesa, converso com o funcionário. No meio da conversa, toca o telefone. Quem telefonou não foi lá, como eu; ficou em casa, não quis perder tempo. Pois quem estava me atendendo, sistematicamente, interrompe nossa conversa, me deixa esperando e fica atendendo aquele que não foi. Por quê? Porque se pressupõe que o telefonema é sempre mais importante. Telefonema é coisa grave.

Nos aeroportos fico contemplando o espetáculo, todo mundo falando no celular. Penso: “Quantas coisas importantes estão acontecendo, inadiáveis!” Ah! Como se sentem felizes as pessoas quando seu telefone celular toca! O toque de um celular anuncia para todos o quão importantes elas são. Eu, com frequência, faço palestras. E já é norma esperada que, no meio da minha fala, um telefone celular toque. A princípio eu ficava indignado, mas não dizia nada. Mudei de ideia quando, certa vez, o telefone de um cavalheiro que se assentava na primeira fila tocou e ele, ao invés de desligar o telefone, conversou tranquilamente com a pessoa do outro lado da linha (??). E ali fiquei eu perplexo, com cara de bobo, falando, enquanto o tal cavalheiro, do centro de sua bolha narcísica, anunciava para as seiscentas pessoas o quão importante ele era. A pessoa que faz isso tem uma visão grandiosa e poderosa de si mesma. Ela se imagina encontrar no centro de coisas gravíssimas que exigem sua ação imediata. Caso contrário, se ela não atender o telefone e não agir, é possível que o mundo caia em pedaços. De alguma forma, é como se fôssemos um dos super-heróis, Batman ou Super-Homem, de cuja ação imediata depende a normalidade do mundo. Agora, quando o celular toca, eu faço gozação. Faço interpretação psicanalítica. O telefone celular que toca é um fálus que se exhibe.

Quando eu era menino, a diversão da gente era ir à matinê aos domingos, para o faroeste. O mocinho, com aqueles revólveres pendurados na cintura! Que inveja! Bem que eu gostaria de ter cinturão de mocinho com revólver no coldre. Assim, quando eu fosse andando pela rua, todo mundo me olharia com medo e respeito. É essa fantasia infantil que me vem à cabeça quando vejo os homens andando por aí, com seus telefones

celulares pendurados no coldre que está preso ao cinto. É menino realizando o sonho. Nos restaurantes cada um põe a sua arma sobre a mesa. É preciso estar atento. É preciso estar pronto. Jamais deixar o celular no carro! A qualquer momento pode surgir uma emergência. É preciso agir com rapidez.

Acho um telefone celular uma coisa útil. É possível que, no futuro, eu compre um dos pequenos (pequeno, mas potente!), que eu possa carregar na pochete. No coldre, jamais! Morreria de vergonha! Mas fico assombrado com a forma como as pessoas abrem mão da sua privacidade. Talvez porque a sua privacidade seja vazia, não tenha nada lá dentro. Sendo vazia, elas se sentem diluir no nada. Penso, assim, que o telefone celular é um artifício que se usa para lidar com a solidão. Que horror quando o celular não toca! Ninguém está se lembrando de mim! Ninguém precisa de mim! Vou sugerir aos fabricantes de celulares que os aparelhos tenham um marcador de chamadas. Assim, ao final do mês, as pessoas poderão avaliar quão importantes elas são. “Ah! Como sou importante! Fui chamado 280 vezes!” E ficarão felizes. Os celulares podem ser, assim, aparelhos para se medir, quantitativamente, o grau de importância de alguém. O que importa não é a mensagem, aquilo que é comunicado. É o meio – o fato de o celular estar sendo usado. Como dizia Marshal MacLuhan: “O meio é a mensagem.” Essa é a razão por que as pessoas aumentam o seu prazer falando no celular de forma a serem vistas e ouvidas. É preciso que todos saibam! Nos aeroportos elas falam andando (para aumentar o público), e falam alto para que os que não estão vendo ouçam. É divertido.

Tenho saudades do tempo, lá em Minas, do barbante pelo buraco na porta. Os visitantes eram sempre amigos e poucos. Hoje é perigoso deixar o barbante de fora. A gente termina por perder a casa. Tenho medo do *e-mail*. Tenho medo do celular.

Trem...

Não sei que filósofo foi que disse que a palavra *queijo* só tem sentido para alguém que já tenha comido um queijo. É óbvio. Se a pessoa nunca viu, cheirou e comeu um queijo, ela não terá ideia alguma do que é um queijo, ao ler ou ouvir a palavra *queijo*. Pois eu, esquecido dessa lição elementar de filosofia, tentei ensinar *queijo* a quem nunca havia experimentado um queijo... Tentei levar minhas netas a viajar pelo mundo da minha infância, mundo no qual elas nunca estiveram. Falei sobre casas de pau a pique, fogões de lenha, minas d'água, monjolos, fornos de barro, galinhas botando ovo, "casinhas" e penicos, cheiros de capim-gordura e bosta de vaca, assombrações... Queria levá-las a passear comigo pelo mundo da minha infância, na roça. Queria que fossem minhas companheiras. Convidei-as, então, a entrar na minha máquina do tempo. Minha máquina do tempo é feita com memória e palavras. Entrando na memória, eu voou para o passado. Escrevendo as minhas memórias, eu levo outros a voar comigo. Foi isso que Proust fez ao escrever *Em busca do tempo perdido*. Eu estava tentando voltar ao tempo perdido, para que ele não se perdesse. Acontece que acreditei demais no poder das palavras. Como poderiam as minhas netas experimentar o meu mundo se elas nunca haviam estado nele?

Quem entendeu o queijo não foram minhas netas, meninas. Foram os velhos que na meninice haviam vivido em mundos parecidos com o meu. Escrevi, e eles viajaram na minha máquina de tempo. Havia comido o mesmo queijo que eu. E aí desatamos a conversar...

Lembro-me da Dina, de 86 anos, que vivia reclusa num asilo de crentes onde era proibida a entrada de qualquer coisa do "mundo". A Dina era um pássaro engaiolado. Preso o corpo, sua alma voava... Começou então, entre nós, uma longa conversa sobre o passado. O meu passado, o único passado sobre o qual eu podia escrever, a Dina usou como um tapete mágico que a levava ao passado que era só dela. E escrevia – muitas cartas, cheias de segredos (os guardas da gaiola não podiam saber; se ficassem sabendo, cobririam a gaiola com um pano preto...). E ela voltou aos dias de menina, morando na beirada do rio, tomando conta do forno de barro, cuidando para que os pães não queimassem, vendo a piracema, os peixes prateando sob a luz da lua cachoeira acima... E

assim foi, até que ela ficou repentinamente encantada, justo quando lhe preparávamos uma festa de aniversário. Nunca se sabe ao certo... É possível que, em algum lugar misterioso, onde o tempo tangencia a eternidade, a Dina menina de 86 anos esteja cuidando de pães e olhando os peixes prateados... Essa cena merece a eternidade.

Como a Dina, foram muitos os velhos que voltaram à sua infância viajando na minha máquina do tempo... Resolvi, então, que de agora em diante vou continuar a voar na minha máquina de tempo sabendo que meus companheiros serão os velhos, aqueles que, quando falo *queijo*, entendem o que digo por já haverem comido queijo. Um passado que se compartilha é um sacramento de solidariedade. Quem se lembra do passado com emoção nunca sentirá tédio no presente.

Volto ao meu passado. Mas, voltando ao passado, volto também às palavras que se usavam lá. Não posso falar de Minas usando as palavras dos gramáticos. A gramática da gente mineira é outra que não a dos livros. A língua é coisa marota. As palavras não param de mexer. E se põem a dançar de um jeito que os livros proíbem. Os gramáticos ficam bravos. Não sabem o que fazer com a língua viva porque o seu trabalho é, precisamente, mumificar as palavras, para que elas não se mexam. Trabalho inútil. As palavras não obedecem. Elas são como as crianças. Não ficam quietas. São malcomportadas. Em Minas até os escritores se riem da gramática. Duvidam? Leiam Murilo Mendes, Guimarães Rosa, Adélia Prado. A vida não respeita as regras dos gramáticos. Já ouvi um homem, numa pastelaria, pedir: “Me dá um pastéis...” Epa, epa, tudo errado. Não está certo começar uma frase com pronome oblíquo. Além do que, não é certo misturar o singular com o plural. “Um pastéis?” Talvez para aquele mineiro matuto o pastel fosse coisa tão divina que merecesse ser nomeado no plural.

Tem um erro de gramática que me dá arrepios. Quando eu ouço as pessoas dizendo: “Ele pediu pra mim ir lá...”; ou: “Quero silêncio pra mim dormir”, eu penso que o Tarzá se intrometeu demais no português, porque era o Tarzá que não falava “eu”: “Mim ama Jane, mim vai pescar...” Claro, esse era o Tarzá antigo, da roça. Os Tarzãs modernos estudaram em Oxford, falam português correito, castiço, clássico. Mas não tem jeito, e já me conformei. Onde já se viu “mim” fazer coisas? “Mim” não faz nada. Errado. “Mim” faz coisas. O povo decretou. É o jeito do povo falar que faz a língua. Eu mesmo me revoltou contra o Aurélio. Escrevi: “os anús fazendo seus ruídos característicos...” A revisora me informou que a grafia certa da ave negra é *anus*, sem acento. Pode ser. Mas não quero que meu leitor se confunda. Por via das dúvidas e a bem da clareza, eu continuo a escrever *anús*, para que ninguém confunda o passarinho com o orifício terminal dos intestinos.

Tudo isso a propósito da palavra *trem*, que identifica os mineiros tanto quanto *uai*. *Trem* é palavra coringa. Serve pra tudo. “Tira esse trem daí...” Quem ouve entende. *Trem* é um objeto qualquer. Ou pode ser um conjunto de objetos. Por exemplo: as coisas que se possuem. “Vou guardar os meus trem...” O curioso dessa palavra é que, à semelhança do pastel singular falado no plural, *trem* vai sempre no singular, mesmo que seja plural.

Eu vivia na roça. Na roça todos os *trem* eram de pau. Pau mesmo, e não madeira. Madeira é palavra de gente da cidade. Houve a idade da pedra lascada, a idade da pedra polida, a idade dos metais... Por que não a *idade do pau*? Pois devia. Dou testemunho: na roça não era nem pedra nem metal: era pau. Na roça *pau* era, de fato, “pau pra toda obra”. Talvez essa seja a origem dessa expressão. A casa era de pau a pique. O fogo se fazia com paus de lenha. Tudo nos carros de bois era feito de pau (menos os bois...). A água se bebia numa vasilha de pau chamada cuia. As cercas se faziam com um pau oco chamado bambu. E até os canos se faziam com um pau chamado embaúba. Panela, lamparina, pratos e canecas – coisas de metal eram seres de um outro mundo.

Aí aconteceu aquele dia quando o meu pai nos disse que íamos nos mudar para Lambari. E, para me explicar como era Lambari, ele disse apenas: “Lá tem trem de ferro...” E foi assim que, num único dia, eu dei um salto de milhares de anos. Saí do mundo dos “trem de pau” e me mudei para o mundo do trem de ferro... Saí da roça. Me mudei para a civilização. Depois conto mais.

Brincando com o desconhecido...

Na minha infância nasce uma infância ardente como o álcool.

Eu me assentava nos caminhos da noite.

Escutava o discurso das estrelas e o da árvore.

Agora a indiferença neve a noite na minha alma

(Vincent Huidobro, citado por Bachelard).

Deixei a roça sem saudades. A saudade só veio muito mais tarde, com a velhice. A velhice é quando se sai em busca do tempo perdido... Escrevo para tranquilizar a saudade. Ao escrever, vivo de novo a infância que vivi. Mas nem sei se vivi... Não sei se a infância da minha memória é a infância acontecida ou um devaneio poético, a infância que eu gostaria de ter vivido. Talvez ao escrever, eu, velho, esteja vivendo agora o que nunca vivi... Sonhar é uma forma de viver.

Não sofri com a mudança. Parafraseando Alberto Caeiro, digo que as crianças são de novo nascidas a cada momento para a eterna novidade do mundo: mundo sempre novo, diferente, surpreendente, fantástico, assombroso, incrível, desafiante. "Decifra-me ou te devoro!" E as crianças, como Édipo diante do desafio da Esfinge, se põem a decifrar o mundo...

Não me importava que a casa para onde nos mudamos fosse uma caixa de fósforos. Eu não sabia que ela era uma caixa de fósforos. Menino, ainda não fora picado pela maldição da comparação. Muito mais importante era o fato de que ela se encontrava aos fundos de um Castelo Encantado. Ele ficava no alto de uma colina e era maior do que tudo o que eu jamais vira. Sempre fechado e misterioso, dos seus pátios vazios se via um lago azul imenso, coisa que eu desconhecia porque na roça eu só conhecera riachinhos e lagoinhas. Eu gostava de ver os marrequinhos que nadavam... Meu pai me levou a visitá-lo por dentro, graças à amizade que fizera com o guarda do Castelo. Salas imensas, empoeiradas, silenciosas, escuras, os móveis cobertos com lençóis, lustres de cristal, veludos vermelhos e verdes. Todas as coisas dormiam. Era assim no Castelo onde dormia a Bela Adormecida...

Mais tarde me explicaram, e com a explicação o Castelo perdeu os seus mistérios. Porque *explicar*, se é que não sabem, significa “tirar as dobras, tornar liso, (como a passadeira que com o ferro passa a roupa), estender o que estava enrolado”. As explicações acabam com as sombras e com o encanto. Havia sido um cassino. Fora aberto por uma noite, uma única noite. Depois, por ordens superiores que ignoro, fora fechado. Como cassino nunca mais existiu. Hoje nele funcionam repartições da prefeitura. Estive lá. Os funcionários não sabem que ali, há muitos anos, existiu um Castelo Encantado.

Eu sabia que acabara de entrar num outro mundo, desconhecido. O desconhecido não me dava medo. Ao contrário. Era uma sensação de espaço e liberdade, o que me enchia de alegria. Eu tive uma cadela que, quando ainda menina, repentinamente, sem nenhuma razão especial, se punha a correr e a saltar como doida, em círculos, pela própria alegria de correr. Sim, também os animais sentem alegria! E eu me vejo, menino de seis anos, como a minha cadela menina, correndo de alegria, sem nenhuma razão, entrando pela porta da frente da casa, atravessando o alpendre, a sala, saindo pela porta da cozinha, voltando para a frente da casa, para fazer tudo de novo, em círculos...

As evidências da novidade do mundo estavam na minha casa. A primeira era a maravilha das lâmpadas elétricas que pendiam do teto ao fim de um fio coberto de cocôs de moscas. Mas que são cocôs de moscas diante de assombro? Bastava girar uma orelha no bocal para que a lâmpada se acendesse! Adeus, lamparinas! Adeus, cheiro de querosene! Adeus, fuligem negra! Na roça todos os objetos eram transparentes. Bastava olhar para eles para compreender sua lógica, os mecanismos do seu funcionamento. Na roça o mundo e a vida eram misteriosos, mas os objetos não. Uma lamparina, nada mais simples: um recipiente de vidro ou lata, querosene, pavio, fogo, luz. Era fácil fazer uma lamparina. Mas a lâmpada elétrica pertencia a um novo mundo onde moravam objetos misteriosos. Quem pode fazer uma lâmpada? Que coisa é essa chamada eletricidade, que ninguém vê e que faz a lâmpada acender? A outra evidência era a privada. Bastava puxar uma cordinha para que acontecesse uma descarga de água que fazia desaparecer os cocôs...

Meu pai era uma criança. As crianças verdadeiramente crianças ficam felizes por pouca coisa. E isso porque elas possuem o poder mágico de transformar aquilo que é nada em algo que é muito. Pelo poder da imaginação um cabo de vassoura se transforma num cavalo e uma caixa de sapatos vazia amarrada a um barbante é um carrinho. Pois assim era o meu pai: ele sabia transformar nada em coisas boas. Mesa a gente não tinha. Meu pai foi a um armazém, arranjou um caixote grande de madeira, trouxe-o para casa, tirou uma porta das dobradiças, pregou a porta sobre o caixote – e eis a nossa mesa! Infelizmente a mesa apresentava um problema devido à sua construção: ela funcionava como uma gangorra. Quem estivesse assentado à cabeceira, se se apoiasse sobre ela, corria o risco de receber uma terrina de feijão na testa. Guarda-roupas, nem pensar! Mas meu pai não se perturbou. Juntou uns cabos de vassoura abandonados, fez buracos nos ângulos das paredes e neles encaixou os cabos de vassoura que assim se transformaram nos nossos

guarda-roupas onde pendurávamos nossas roupas. Também, eram tão poucas...

Um dia o pai chegou de uma de suas viagens com uma surpresa: uma caixa de doce de laranja de cinco quilos ficara encalhada, e assim ele a trazia como presente. Foi uma felicidade! Nós comeríamos sobremesa! No primeiro dia foi uma festa. Também no segundo, no terceiro e no quarto. Acontece, porém, que cinco quilos de doce de laranja é muito doce. Por mais que a comêssemos, a laranjada não diminuía de tamanho. Transcorridas duas semanas, já não podíamos ver a caixa que voltava sempre para a mesa. E, sendo pobres, não podíamos nos entregar ao luxo de jogar fora a laranjada. O que queríamos não era um outro doce. Queríamos era parar de comer a laranjada... Levou muito tempo para que ela terminasse. Mas deixou um trauma. Até hoje o corpo estremece ao ouvir falar de laranjada...

Memórias da infância

Pena que a vida seja tão curta. Há tantas coisas bonitas para serem vistas! Acho que a noite estava chegando quando Robert Frost escreveu... Ah! Mas antes de ler... Já disse que os poetas deveriam aprender dos compositores. Os compositores indicam, no início da partitura, o andamento e o sentimento daquela música. Poesia é música. Portanto, os poetas deveriam fazer o que fazem os compositores. Frost não fez. Eu farei. Assim, coloco no início do meu poema: *lentamente, nostalgicamente...* Agora podemos ler.

Os bosques são belos, sombrios, fundos.

Mas há muitas milhas a andar e muitas promessas a guardar
antes de se poder dormir,
sim, antes de se poder dormir.*

Uma aluna minha chorou ao ouvir esses versos pela primeira vez. A dor se encontra nesta palavrinha *mas*. Sim, os bosques são belos, cheios de mistérios... Convidam. O poeta ouve a sua voz. *Mas* não aceita o convite. E explica: “Não posso. É crepúsculo. A noite se aproxima. Há urgências que me chamam: milhas a andar, promessas a guardar, antes de se poder dormir”. Antes de se poder dormir? Aquela cena será uma metáfora da vida que chega ao fim, como o dia? E o *dormir* – será a morte? É preciso caminhar rápido. O tempo é breve. Não há tempo para atender a todos os convites da beleza à beira do caminho. A vida é breve. Que pena... Ravel se lamentava: “Há tantas músicas a serem escritas...” Eu acrescento: Há tantos poemas a serem lidos!

Os desencontros da vida fizeram com que eu só descobrisse a poesia ao entardecer. Quantos poemas eu não li! Mas agora o tempo não dá. Sinto inveja de Murilo Mendes. Ao lê-lo, tenho vislumbres dos poemas que ele leu e eu nunca lerei, dos quadros que ele viu e eu nunca verei. Sinto a mesma coisa lendo Bachelard. Homens afortunados, encontraram-se com a poesia quando eram ainda crianças! Que lamentável falha em nosso sistema educativo, em que o prazer da poesia não se encontre entre as exigências para se ingressar na universidade! E, no entanto, Norbert Wiener afirmou que existe mais comunicação num poema de Keats que num relatório científico!

Releio o capítulo “Os devaneios voltados para a infância” do maravilhoso livro *A poética do devaneio*, de Bachelard. Ah! Como os terapeutas e os educadores ficariam mais sábios se lessem esse texto maravilhoso. Compreenderiam melhor as crianças se se entregassem aos seus próprios devaneios de criança! São tantos os poetas que Bachelard cita e que desconheço! Bem que gostaria de ter tempo para conhecê-los. Mas não posso. Já anoitece. Eu nunca havia ouvido este nome *Henri Bosco*. Mas agora, depois de ler dois pequenos fragmentos, eu já o amo. Porque ele põe palavras nos meus sentimentos. Falando sobre sua infância, ele diz: “Eu retinha com uma memória imaginária toda uma infância que ainda não conhecia e que, no entanto, reconhecia!” Para se conhecer a alma de uma criança, é preciso abandonar a memória biográfica e entrar na imaginação, aquilo que nunca foi. Como é isso, não conhecer e, no entanto, re-conhecer? Os poetas sabem que é assim. Na mais bela declaração de amor jamais escrita, Fernando Pessoa diz:

Quando te vi, amei-te já muito antes.
Tornei a achar-te quando te encontrei.

“Sim, meu amor por ti já estava em mim, antes que te conhecesse. Então, eu te conhecia sem o saber! Agora, que te encontrei, re-conheci o rosto que eu já amava sem saber. Tu, minha amada, já existias em mim desde antes do começo dos mundos!”

A amada morava no amante numa memória anterior à história, aquela mesma memória na qual santo Agostinho encontrou o seu Deus.

Assim são as memórias da infância. Elas são anteriores à infância real. São fantasias felizes. Assim Bosco podia escrever: “No meio de vastas extensões despojadas pelo esquecimento, luzia continuamente essa infância maravilhosa que me parecia ter inventado outrora...” É preciso esquecer os fatos para que as essências apareçam.

Ao reler o que escrevi, tive medo de que não estivesse claro. Mas talvez até fosse bom que não estivesse claro. A clareza nos mantém ligados ao texto, o que inibe a fantasia. O pensamento, como os olhos, se esforça mais em meio às neblinas... Mas ainda sou vítima dos antigos hábitos de professor. Desejo retirar as neblinas... Assim, vou tentar explicar.

Já falei em outros lugares sobre Angelus Silesius, o místico que escrevia em forma poética. Um dos seus poemas diz assim: “Temos dois olhos. Com um nós vemos as coisas do tempo, efêmeras, que desaparecem. Com o outro nós vemos as coisas da alma, eternas, que permanecem”. Dois olhos, cada um deles tem uma memória diferente. Na memória do primeiro olho estão guardadas, numa infinidade de arquivos, as informações sobre o mundo de fora, coisas que realmente aconteceram. Basta que eu diga o nome da informação desejada para que o arquivo se abra e eu me lembre. É assim que funcionam os computadores. Nós, em muitos aspectos, nos parecemos com eles. Mas as memórias do segundo olho são diferentes. E isso porque elas moram na alma. E a alma é uma artista. Artistas não aceitam a realidade. Como disse o filósofo Ernst Bloch: “O que é não pode ser verdade.” Ou, no dizer do poeta Manoel de Barros: “Deus dá a forma: o artista desforma...” Imagine um ceramista. Trabalha com a argila. Argila é coisa

sem sentido, sem beleza. Aí ele, artista, toma a argila e com suas mãos lhe dá a forma de beleza que sua fantasia pede. Pois é isso que faz a alma: ela toma as memórias do primeiro olho como se fossem argila e lhes dá a forma que o coração pede. Por oposição às memórias do primeiro olho, que são exteriores a nós, as memórias do segundo olho são partes de nós mesmos. Quando as recordamos, o corpo se altera: ele ri, chora, brinca, sente saudades, medo, quer voltar – às vezes para pegar no colo aquela criança amedrontada. E nem sabemos se foi daquele jeito mesmo ou se o recordado é uma fantasia, criada pela alma. Mas, para a alma, isso não importa.

Meu amigo Jether Ramalho me contou uma dessas memórias. Ele, menino, há mais de setenta anos. Com seus pais e irmãos. Estão no convés de um navio. No cais, os amigos e irmãos da igreja acenam adeus e cantam: “Deus vos guarde pelo seu poder...” Estão deixando o Brasil para se mudar para Portugal. O navio apita seu apito rouco e triste. Ouve-se mais forte o barulho das máquinas. O navio despega-se do cais. Abre-se o espaço entre o cais e o navio, o espaço da ausência. “Todo cais é uma saudade de pedra!”** O navio vai se distanciando. As pessoas com seus lenços brancos vão ficando pequenas. E as vozes, aos poucos, vão se tornando inaudíveis...

Essa cena está fora do tempo, paralisada. Não tem antecedentes. Não tem consequentes. Ela aparece pura e eterna na memória, como se fosse um belo quadro. Ou um sonho que se repete. E basta que ela seja lembrada para que a alma deseje voltar. Não é parte de um passado. É sempre presente.

Essas reflexões me vieram no meu esforço de recuperar o meu tempo perdido. Quero revisitar o meu passado para contar... Mas percebi que a minha memória, nesse esforço, não me contava uma *história*, uma série ordenada de eventos acontecidos que poderiam até se transformar numa biografia. Pois não é isso que é uma biografia? Um relato de coisas acontecidas? Ah! Como o Riobaldo era sábio. “Contar é muito dificultoso”, ele dizia.

Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho que nem não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data. Toda saudade é uma espécie de velhice.

Talvez, então, a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, princípio, meio e fim, mas como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro. Talvez seja esse o jeito de se escrever sobre a alma em cuja memória se encontram as coisas eternas, que permanecem...

Notas

* No original: "The woods are lovely, dark and deep, / But I have promises to keep, / And miles to go before I sleep, / And miles to go before I sleep."

** Citação de Álvaro de Campos.

Parte 2

... viver minha vida novamente...

SOBRE OS PEQUENOS DETALHES QUE FAZEM TODA A DIFERENÇA



Você, que diz que, se pudesse, trocaria seu nome por “Melancolia”, você me pergunta sobre as razões da tristeza. Me pergunta mais: sobre as razões por que há pessoas que se emocionam com coisas pequenas – as outras nem ligam e até se riem da sua sensibilidade –, o que lhe dá uma tristeza ainda maior, a tristeza da solidão.

Olhe, há tristezas de dois tipos. Primeiro, são as tristezas diurnas, quando o mundo está iluminado pelo sol. Tristezas para as quais há razões. Fico triste porque o meu cãozinho morreu, porque o meu filho está doente, porque crianças esfarrapadas e magras me pedem uma moedinha no semáforo, porque o amor se desfez. Para essas tristezas há razões. Quem não sente essas tristezas está doente e precisaria de terapia para aprender a ficar triste. Tristeza é parte da vida. Ela é a reação natural da alma diante da perda de algo que se ama. O mundo está luminoso e claro – mas há algo, uma perda, que faz tudo ficar triste.

Segundo, são as tristezas de crepúsculo. O crepúsculo é triste, naturalmente. Não, não há perda nenhuma. Tudo está certo. Não há razões para ficar triste. A despeito disso, no crepúsculo a gente fica. Talvez porque o crepúsculo seja uma metáfora do que é a vida: a beleza efêmera das cores que vão mergulhando no escuro da noite.

A alma é um cenário. Por vezes, ela é como uma manhã brilhante e fresca, inundada de alegria. Por vezes ela é como um pôr de sol, triste e nostálgico. A vida é assim. Mas, se é manhã brilhante o tempo todo, alguma coisa está errada. Tristeza é preciso. A tristeza torna as pessoas mais ternas. Se é crepúsculo o tempo todo, alguma coisa não está bem. Alegria é preciso. Alegria é a chama que dá vontade de viver.

Eu acho que essa tristeza crepuscular é mais que uma perturbação psicológica. Acho que ela tem a ver com a sensibilidade perante a dimensão trágica da vida. A vida é trágica porque tudo o que a gente ama vai mergulhando no rio do tempo.

“Tudo flui; nada permanece.”* A vida é feita de perdas. Fiquei comovido, dias atrás, vendo fotos dos meus filhos quando eles eram meninos. Aquele tempo passou. Aquela alegria mergulhou no rio do tempo. Não volta mais. Há, assim, um trágico que não está ligado a “eventos trágicos”. Está ligado à realidade da própria vida. Tudo o que amamos, tudo o que é belo, passa.

Mas é precisamente desse sentimento que surge uma coisa maravilhosa, motivo de riqueza espiritual: a arte. Os artistas são feiticeiros que tentam paralisar o crepúsculo. Eternizar o efêmero. Todas as vezes que ouço aquela música ou leio aquele poema, o passado ressuscita. A beleza da arte nasce da tristeza. Se não houvesse tristeza, não haveria arte. Diz o Jobim: “Assim como o poeta só é grande se sofrer...” Certo. Sem tristeza não haveria Cecília, Adélia, Pessoa, Chico, Beethoven, Chopin. A obra de arte ou é para exprimir ou para curar o sofrimento.

Mas há um limite. É preciso que a tristeza seja temperada com alegria. Tristeza, só, é muito perigoso. As pessoas começam a desejar morrer. Essa é a razão por que os deprimidos querem dormir o tempo todo. O dormir é uma morte reversível.

Quando a gente está com dor de cabeça, toma aspirina sem vergonha alguma. Quando a gente está com dor de alma, tristeza, algum remédio é preciso – para não querer morrer, para voltar a ter alegria.

Uma ajuda para a tristeza é conversar. Para isso é preciso ter alguém que escute, que entenda a tristeza. Muitas pessoas procuram terapia para isso: não porque sejam doentes mentais, mas porque precisam compartilhar sua tristeza com alguém que conheça a luz crepuscular.

Nota

* Citação de Heráclito.

Por que alguns sofrem
e outros não?

Você me pergunta: “Por que alguns sofrem e outros não?” Essa pergunta é uma confissão. Quem faz essa pergunta é porque está sofrendo. As perguntas nascem sempre das nossas feridas. Mas essa pergunta revela que o seu sofrimento não é sofrimento comum. É sofrimento que não faz sentido. “Por quê? Por quê? Eu não mereço!” Se aos bons e inocentes fossem dados prazer e alegria e aos maus e culpados, sofrimento e desgraças, a gente compreenderia e até acharia bom. Pois parece justo que os maus paguem suas maldades com sofrimento. Toda maldade deve ser castigada. E parece justo que os bons sejam recompensados com prazeres e alegrias.

O filósofo Emanuel Kant dizia que duas coisas o enchiam de espanto: a ordem das estrelas, no céu, e o sentimento moral, no coração dos homens. O sentimento moral é isto: a consciência de que há atos bons e atos maus. É essa distinção moral entre o bem e o mal que torna possível a ordem humana. Os criminosos devem ser castigados. Os bons devem ser recompensados.

Imagine agora que o universo é uma ordem moral. Se ele é uma ordem moral, então os bons são recompensados e os maus são punidos. Se esse é o caso, somos forçados a concluir que, se alguém está sofrendo, seu sofrimento *tem* de ser merecido. Sofrimento é castigo por algum ato mau que se cometeu. Os discípulos de Jesus pensavam assim. Eles viram um cego mendigando à beira da estrada e concluíram que a sua cegueira era castigo de Deus por algum pecado dele ou dos seus pais. (Que Deus horrendo esse, que castiga nos filhos os pecados dos pais!) E foram logo perguntando: “Quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?” Mas Jesus discordou. Ele não acreditava que os sofrimentos são punição por algo mau que se fez. O Deus de Jesus não deseja que os homens sofram. Sua resposta foi: “Nem ele nem seus pais.”

Se sofrimentos e prazeres fossem distribuídos com justiça, você não teria feito a sua pergunta. Mas você sabe que isso não acontece. A verdade é que muitas coisas ruins acontecem a pessoas boas e muitas coisas boas acontecem a pessoas ruins. E isso nos parece absurdamente injusto. A sua pergunta surge do seu sentimento moral. Você deseja que haja justiça. Mas o sofrimento dos bons e os prazeres dos maus nos dizem

que o universo não é uma ordem moral. Os bons não são premiados e os maus castigados. Se assim fosse, seria um ótimo negócio ser bom. Há umas religiões que ensinam que, se a gente está bem com Deus, tudo dá certo. Se o sofrimento vem, elas concluem, é porque a pessoa fez uma coisa errada: não está bem com Deus. Quando as pessoas dizem, com toda a honestidade de que são capazes: “Eu não merecia!”, elas estão afirmando a sua inocência. Afirmam a injustiça do seu sofrimento.

Mas agora veja: essa pergunta só tem sentido se você imaginar que os sofrimentos e os prazeres são enviados por Alguém todo-poderoso, que toma conta do universo. Muitas pessoas acreditam assim. Elas acham que as pessoas sofrem porque Deus quer. A criancinha com câncer, o jovem adolescente que morre num desastre de carro, a pessoa que é assassinada por um assaltante, as enchentes e terremotos que tiram a vida de milhares – tudo isso Deus poderia ter evitado se ele tivesse querido. Confesso a você que, se eu acreditasse num Deus assim, se eu acreditasse num Deus que tem prazer no sofrimento das pessoas, eu o odiaria do mais profundo do meu coração.

Pense na vida como uma imensa roleta. Há probabilidades infinitas à nossa espera. Coisas boas, coisas más. De vez em quando acontece uma coisa boa. De vez em quando acontece uma coisa ruim. Quem é responsável? Ninguém. A roleta é cega. Não foi “Alguém”, invisível, que fez com que a coisa ruim ou a coisa boa acontecesse. Foi um puro acidente – sem razões, sem explicações.

Viver é estar jogando esta roleta, sem fim. É sempre possível que algo terrível me aconteça. Se acontecer, eu sofrerei. Mas não culparei ninguém. Sofrerei sem revolta, sabendo que Deus é inocente.

Por que não me mudo
para a Bahia?

Há dois tipos de férias. O primeiro é quando o cavalo cansado, magro, castrado, vai para uma campina verde, sem ninguém que lhe dê ordens, sem hora para se levantar, sem nada para fazer, é só vadiar, pastar, descansar, correr, dormir, fazer o que lhe der na telha! Que felicidade! Bom seria que a vida toda fosse assim! Mas o tempo corre rápido. Passadas duas semanas, descansado e gordo, é hora de voltar para onde estava antes... para o cabresto, cerca, arreo, carroça, esporas e chicote, para isto que se chama realidade. É hora de retomar o trabalho no lugar onde ele o havia deixado.

Ah! Todo cavalo precisa de férias para aguentar mais um ano de trabalho duro... Descansar para trabalhar! As empresas sabem disso. Se dão férias para os seus cavalos, não é porque os amem em liberdade. É porque precisam deles na sua volta, revigorados e trabalhadores, agradecidos à empresa que lhes dá férias. E há mesmo os cavalos que, ao final das férias, começam a sentir saudades do arreo e da carroça, querem voltar, porque se cansam da liberdade. Todo mundo diz que quer liberdade. É mentira. A liberdade traz muita confusão à cabeça. Melhores são as rotinas, que nos livram da maçada de ter que tomar decisões sobre o que fazer com a liberdade. Quem tem rotinas não precisa tomar decisões. A vida já está decidida. O cavaleiro nem precisa puxar a rédea: o cavalo sabe o caminho a seguir.

O segundo tipo é quando as férias produzem uma perturbação não esperada na cabeça do cavalo. Aqueles campos verdes sem cercas começam a mexer lá no fundo da sua alma, justo no lugar onde estava enterrado o cavalo selvagem que ele fora um dia, antes do cabresto, do arreo e da castração. E aí um milagre acontece: o cavalo selvagem morto ressuscita, se apossa do corpo do cavalo doméstico, que vira outro e até reaprende as esquecidas artes de relinchar, de empinar, de saltar cercas, de disparar a galope pela pura alegria de correr, imaginando-se um ser alado, Pégaso voando pelas pastagens azuis do céu e pulando sobre as nuvens... É tão bom... E, de repente, deitado sob uma árvore, ele se lembra de que está chegando a hora de voltar... Mas ele não quer voltar. Quer ficar. Surgem então, na sua cabeça, perguntas que nunca fizera: “Por que é que eu volto sempre? Será mesmo preciso voltar? Estou condenado ao cabresto, arreo e castração? É

isso que é a vida? Por que voltar se não quero? Volto porque é preciso? Mas será preciso mesmo? Minha vida não pode ser diferente?”

Essas ideias malucas só acontecem quando o cavalo está só com os seus pensamentos. Férias em solidão são perigosas. É por isso que muitas empresas fazem colônias de férias para os seus empregados. Para que não fiquem sozinhos. Para que não pensem pensamentos doidos. Juntos, eles pensam os pensamentos que todos pensam. Pensamentos normais. Os de sempre. O mesmo. Sobre o que conversam os cavalos domésticos nas colônias de férias? Eles conversam sobre cabrestos, arreios, carroças, cavaleiros, carroceiros... E, assim, os cavalos selvagens continuam enterrados...

Eu quero me mudar para a Bahia. Eu posso me mudar para a Bahia. Mas não vou me mudar para a Bahia. Cavalo doméstico, voltei e vou ficar onde estou, onde sempre estive, pensando e escrevendo que quero me mudar para a Bahia, mas não vou me mudar para a Bahia. A Bahia soltou meu cavalo selvagem... Uma Bahia diferente, sem axé, sem atabaques, sem berimbau, sem capoeira, sem acarajé, sem som eletrônico, sem “o que é que a baiana tem?”, sem vatapá... Uma Bahia anterior à Bahia, uma Bahia muito antiga que está se perdendo na espuma do mar, uma Bahia que me leva ao início do mundo. Foi essa Bahia que viu Sophia de Mello Breyner Andresen, maravilhosa poetisa portuguesa, Bahia virgem, Bahia dos descobridores:

Um oceano de músculos verdes, um ídolo de muitos braços como um polvo, caos incorruptível que irrompe e um tumulto ordenado, bailarino retorcido em redor dos navios esticados. O mar tornou-se de repente muito novo e muito antigo para mostrar as praias e um povo de homens recém-criados ainda cor de barro, ainda nus, ainda deslumbrados...

Não, não se trata de praia. Praia é Guarujá, Ipanema, Porto Seguro, Cabo Frio, Camboriú, formigação humana, agito. Nessas praias o barulho não permite que se ouça nem a música do mar nem a música do vento que balança as folhas dos coqueiros. Uma amiga, voltando de férias em Porto Seguro, disse-me que o barulho das batucadas era tal que ela teve de viajar quarenta quilômetros para ouvir o mar. Faz muitos anos, viajei setecentos quilômetros até Cabo Frio. Quando cheguei à praia, na ilusão do silêncio, fui agredido pelo som infernal que saía de uma barraca. Imagino que chegará um tempo em que todas as praias terão sido estupradas pela insensibilidade humana.

Foi na praia de Mangue Seco, aquela da *Tieta do agreste*, a mais linda que já vi, areias brancas alisadas pelo mar imenso, mar sem fim, azul, verde e branco. Meu filho Sérgio tinha três anos quando viu o mar pela primeira vez. Em silêncio ficou a contemplar o mar, as ondas se quebrando sem cessar. E me perguntou: “O que é que o mar faz quando a gente vai dormir?” Era-lhe incompreensível a eternidade do mar. Também me espanto e me pergunto, sem resposta: “Há quanto tempo o mar se quebra alisando a areia?” O mar, a praia, as conchas, o céu, os peixes invisíveis nas profundezas, as gaivotas em voo, me falam da eternidade. Senti-me retornado ao início do mundo: “Foi, desde

sempre, o mar...” Até as marcas dos pés, coisas do tempo, haviam sido apagadas pelo vento e pelas ondas. Solidão,

solidão robusta,
uma solidão para todos os lados,
uma ausência humana
que se opõe ao mesquinho formigar do mundo

(Cecília Meireles).

Senti o que sentia Murilo Mendes: “O minúsculo animal que sou acha-se inserido no corpo do enorme Animal que é o universo.” Universo, Animal enorme que me faz viver... Que mais bela experiência mística posso desejar? Eu e o universo em silenciosa harmonia... Que milagre ou aparição de Virgem pode se comparar a esse sentimento? Eu, infinitamente pequeno, grão de areia e, ao mesmo tempo, infinitamente grande, bebendo o universo com meus olhos...

Quero me mudar para a Bahia. Mas sei que não vou me mudar para a Bahia. E não importa que seja a Bahia. As montanhas de Minas com suas matas e cachoeiras, o mar em cima, porque

O mar de Minas não é no mar.
O mar de Minas é no céu,
pro mundo olhar pra cima e navegar
sem nunca ter um porto onde chegar.

– também as montanhas de Minas são parte do enorme Animal que é o universo... Quem sabe Pasárgada? Ou Maracangalha...

Todo mundo tem nostalgia por um outro lugar. Todo mundo gostaria de se mudar para um outro lugar mágico. Mas são poucos os que têm coragem de tentar. Talvez por saberem que a Bahia, como Pasárgada, não existe. Ela é um sonho que encanta, que acorda o cavalo selvagem desestreado pelas planícies do infinito. Mas a duração é curta porque a Bahia só existe no efêmero tempo das férias, dentro de uma bolha encantada de eternidade. Quando se volta lá, à procura, descobre-se que a bolha estourou e a Bahia mudou... Para onde terá ido? O triste é que o sonho acaba, mas o cavalo selvagem que o sonho acordou continua vivo. Quer galopar, relinchar, saltar... Mas não tem jeito. No mundo real os cavalos andam devagar, em círculos, sempre o mesmo caminho, fazendo girar a mó. E, enquanto andam, sonham que querem se mudar para a Bahia...

Sobra a memória: as lavadeiras alegremente lavando roupas dentro de riachos de água límpida; sobra o brilho do sol da tarde refletido na água espalhada na areia; sobram os divertidos caranguejos assustados correndo de lado com seus olhos-periscópios esticados...; sobra a imensidão do mar; sobra a imensidão das praias; sobram o azul, o

branco, o verde; sobra o silêncio das vozes dos homens; sobra o céu estrelado; sobram os coqueirais, a água de coco...; sobra a sensação de se estar em paz com a vida. Disse a Adélia: “Aquilo que a memória amou fica eterno.” Talvez eu não precise me mudar para a Bahia porque ela sobrou dentro de mim...

A bifurcação terrível

Foi-me enviada a seguinte pergunta: “Suponha que sua filha grávida de três meses vem lhe mostrar um ultrassom do feto, que mostra uma hidrocefalia. Qual o conselho que você daria a ela?”

Você está caminhando por um bosque. A sede é grande. Precisa beber água. Você chega a uma bifurcação. Na trilha da direita está escrito: “Caminho fácil. Ao final, uma mina”. Na trilha da esquerda está escrito: “Caminho difícil. Ao final, uma pedra”. Você não precisa tomar uma decisão; o caminho a ser tomado é óbvio. Você toma o caminho da direita. Segunda situação: você chega à bifurcação e no caminho da direita está escrito: “Caminho muito difícil. Ao final, uma mina”. À esquerda: “Caminho fácil. Ao final, uma pedra”. A situação se complica; haverá dores no caminho. Mas, no final do caminho difícil você encontrará o que você deseja: água. Você não será tolo de escolher o caminho fácil e chegar à pedra. Terceira situação: você chega à bifurcação e vê escrito, tanto no caminho da direita quanto no da esquerda: “Caminho difícil”. Mas um malvado apagou o que estava embaixo. Assim, você não sabe o que vai encontrar no final. E você não pode voltar. Você sabe que ambos os caminhos estão cheios de dor e o final é incerto e desconhecido. Você terá que decidir sem certezas, entre uma dor e outra, fazendo uma aposta.

A vida é assim. Seria bom se as alternativas com que nos defrontamos fossem sempre entre o certo e o errado, o bom e o mau. Seria fácil viver. Mas há situações que nos colocam diante de alternativas igualmente dolorosas e de resultado incerto.

Hidrocefalia é uma anomalia caracterizada pelo acúmulo anormal de líquido na caixa craniana e pela consequente compressão do cérebro e possível crescimento da cabeça, com uma série de consequências indesejáveis. No seu limite terrível essa pergunta pode significar: “Você aconselharia sua filha a abortar?”

Para começar, digo que não dou conselhos quando o que está em jogo são situações existenciais. Posso dar conselhos sobre mecânicos, itinerários de viagem, cães, maneiras de fazer sopa e livros. Mas, quando o que está em jogo é a vida e a consciência de uma outra pessoa – nesse caso minha filha –, a única coisa que é ético fazer é dar-lhe tranquilidade e ajudá-la a ver com clareza, para que sua decisão não seja fruto de uma

alma agitada e de pensamentos confusos. Será ela que deverá tomar a decisão. Conversaria com ela para ajudá-la a ver com clareza. Ver, em primeiro lugar, o que significa essa anomalia. Como não sou médico, procuraria um médico amigo que nos esclarecesse e nos informasse sobre o prognóstico, levando em consideração os recursos médicos atuais. Ver, em segundo lugar, as implicações futuras sobre a vida da criança. Ver, em terceiro lugar, as consequências emocionais e morais de um aborto, se essa possibilidade vier a ser levantada.

Há pessoas que já têm respostas prontas. Elas acreditam em princípios fixos e os seguem. Se se acredita que toda vida – normal ou anormal – é resultado da vontade de Deus, não existe decisão a ser tomada porque a decisão já está tomada. Mas, se não se acredita assim, se se acredita que as anomalias são acidentes que nada têm a ver com a vontade de Deus, encontramos-nos diante da encruzilhada terrível: é preciso decidir, sabendo que qualquer caminho será doloroso e sem segurança sobre o final. Para ser honesto, esta é a condição geral da vida: nunca se sabe. “Se é bom ou se é mau, só o futuro o dirá.”

Todos os que esperam um filho desejam que ele seja saudável e perfeito. Quando se sabe que há alguma coisa errada com o nenezinho, vem a tristeza. Eu, como pai, estaria triste pelo nenezinho, pela minha filha e por mim. Terminaria a conversa dizendo que, qualquer que for a decisão dela, eu estarei sempre ao seu lado.

Paixão e literatura

Sua condição de “apaixonado-pela-primeira-vez” o encheu de impulsos literários. Você sentiu que uma experiência tão linda e única como a do seu amor merecia ser transformada em livro. E agora você me envia o seu manuscrito, pedindo minha opinião.

A condição de “apaixonado-pela-primeira-vez” é perigosa, tornando o apaixonado, frequentemente, tolo. Assim, quero adverti-lo do perigo de tentar fazer literatura num surto de paixão. A paixão, divina para os apaixonados, pode ficar piegas para o leitor que não está apaixonado. A doce condição de apaixonado tende a lambuzar as palavras com o seu melado, tornando o texto enjoativo. Segundo o testemunho de Gabriel García Márquez no seu livro *O amor nos tempos do cólera*, foi isso que fez com que Fiorentino Ariza perdesse o emprego. Fiorentino era um escriturário numa companhia de navegação. Além disso, era apaixonado pela Firmina Dazza, adolescente. Aconteceu, entretanto, que, obedecendo às determinações do pai, Firmina foi obrigada a se casar com o doutor Urbino. Fiorentino quase enlouqueceu. O resultado foi que suas cartas de escriturário, que deveriam ser inodoras cartas comerciais, passaram a ter um indisfarçável perfume de paixão. Fiorentino foi despedido.

“Apaixonados-pela-primeira-vez” só deveriam escrever cartas de amor. E isso porque, havendo-os a paixão privado da lucidez exigida pela literatura, tudo o que escrevem parece maravilhoso para eles, sendo ridículo aos olhos dos outros. “Todas as cartas de amor são ridículas”, disse Álvaro de Campos. Ridículas para os que não estão apaixonados. Para os apaixonados, obra-prima literária.

A paixão mergulha as pessoas num mar de sentimentos, resultando daí que tudo o que escrevem é pura emoção. Mas literatura e poesia não se fazem com emoção. Quem o diz é Fernando Pessoa:

A emoção não é a base da poesia. [...]

A poesia é superior à prosa porque exprime não um grau superior de emoção, mas, por contra, um grau superior do domínio dela.

Para se escrever sobre a paixão é preciso estar na praia. É só da praia que se pode

contemplar o oceano. São poucos os que conseguem escrever literariamente sobre a paixão enquanto mergulhados nas funduras do oceano da paixão.

Aconselho-o, portanto, por enquanto, a deixar de lado suas pretensões literárias e a se dedicar à aprendizagem. Eu o aconselharia a ler o que dizem da paixão duas mulheres que, havendo vivido paixões avassaladoras, foram capazes de escrever sobre ela de forma comovedora e lúcida, sem que a sua condição de apaixonadas tivesse diminuído o seu vigor literário.

Leia o livro da Lya Luft, *O lado fatal*: é sobre a paixão que ela e o Hélio Pelegrino viveram. É impossível ler *O lado fatal* sem chorar.

E não deixe de ler *Esse amor, esta dor*, da Lenir Santos. O livro é sobre a paixão que ela e o Guido Ivan de Carvalho viveram. Uma vez escrevi uma crônica sobre um amigo muito querido que morrerá. Muitas pessoas ficaram tristes comigo pela morte do meu amigo. Mas uma delas me disse: “Choro, não pela morte do seu amigo. Choro porque sei que não chorarei como você chorou pela morte de nenhum dos meus amigos...” Esse é o perigo da leitura do livro da Lenir: chorar, não pela dor que ela teve e tem; chorar por saber que é possível que a gente nunca chorará como ela, por não ter tido, não ter e não vir a ter uma paixão parecida com a que ela e o Guido viveram. Nos casos da Lya e da Lenir, a razão por que a paixão não perturbou a literatura talvez se deva ao fato de a morte lhes ter dado lucidez. “Tenho a lucidez de quem está para morrer” (Fernando Pessoa). O Hélio Pelegrino e o Guido Ivan de Carvalho morreram. Ao escreverem, elas estavam diante do Vazio. A literatura e a poesia são as palavras que colocamos no Vazio – um gesto: no lugar da ausência, um ramo de hortênsia (Cassiano Ricardo)... Os apaixonados felizes não podem produzir literatura por não estarem diante do Vazio. Estão diante do Pleno. E o Pleno não precisa de palavras. Parodiando o Chico: “Literatura é escrever uma carta para o amante que já morreu...” Literatura é sempre sobre o que não é. É um bruxedo para o retorno do que já foi.

Lendo o livro da Lenir, vi a volta acontecer. O passado ressuscitou: vi os dois rindo, de mãos dadas, se amando. Você também verá.

Aconselho-o a se conformar

Você viajou, veio de longe para conversar comigo. Queria que eu o ajudasse a colocar ordem no seu albergue. O corpo é um albergue, você sabe. Nele moram muitos pensionistas com a mesma cara. Lição que aprendi de um demônio que, respondendo a uma pergunta de Jesus sobre o seu nome, respondeu que era Legião, porque eram muitos. O caso mais famoso é o de Fernando Pessoa, nome de batismo de um corpo em que muitas pessoas diferentes moraram, algumas ao mesmo tempo, outras sucessivamente, cada uma pensando e escrevendo de um jeito. Sobre o assunto aconselho você e todos os leitores a verem o filme *Quero ser John Malcovitch*.

Você me contou sobre alguns dos seus pensionistas. Primeiro, o palhaço. Não por acidente, mas por vocação e profissão, com nariz vermelho e tudo o mais, que divertia as crianças. Eis aí um personagem que precisa viver sempre. O riso é, talvez, o remédio mais poderoso para nos ajudar a conviver com a tristeza. O riso do palhaço é sempre um raio de luz na escuridão. Nietzsche se dizia palhaço. Palhaço e poeta. As duas vocações se complementam.

Outro foi um vendedor de cachorro-quente. Para ganhar a vida. Diferente. Você se divertia com os seus cachorros e estava sempre inventando novas raças.

Agora é um professor universitário com a terrível responsabilidade de escrever artigos científicos e se comportar devidamente. Advirto-o de que palhaços e professores universitários não convivem bem. Você sabe disso por experiência própria. Palhaços são leves, flutuam; professores universitários são graves, afundam. É proibido fazer humor em teses de mestrado e doutorado.

E há, por fim, o mais terrível de todos os personagens: o apaixonado. A paixão é uma perturbação da tranquilidade da alma. Abelardo, professor universitário, se deu muito mal, permitindo-se ficar apaixonado pela Heloísa. Foi a sua desgraça. A estória dos seus amores está contada no filme *Em nome de Deus*. Ele mesmo, Abelardo, rigoroso professor de filosofia, confessou que, tomado pela paixão, deixou de preparar suas aulas e passou a dedicar-se à poesia. Como você sabe, poesia não dá respeitabilidade acadêmica.

Tudo seria simples se cada um dos personagens tivesse morado no seu corpo numa

temporada de curta duração, partindo depois para destino ignorado. Não é esse o seu caso. Na realidade, suspeito que haja muitos outros, sobre que você não falou. Falarei sobre um deles, no final. Acontece que todos eles continuam a morar no seu albergue, numa orgia que não lhe dá sossego.

Quero dizer-lhe duas coisas. Pelo que ouvi, não me parece que qualquer um deles tenha disposição para mudar de casa. Isso é ruim, porque você nunca terá paz. Seria tão melhor se você fosse 100% cientista, que só pensasse em pesquisa e artigos! Você teria uma única direção – e mesmo as suas possíveis paixões seriam submetidas ao critério acadêmico. Você se casaria com uma cientista, trabalhariam os dois nos domingos em suas pesquisas, e nenhum reclamaria do outro. Nenhum estaria querendo ir ao cinema enquanto o outro está no computador tentando terminar um artigo. Mas esse não é o caso. Seria muito chato.

Não sendo esse o caso, aconselho-o a se conformar. Ofereço-lhe, como consolo, um aforismo de Nietzsche: “O preço da fertilidade é ser rico em oposições internas. A gente permanece jovem somente enquanto a alma não se espreguiça e deseja a paz.” Você está cheio de oposições internas. Se essas oposições lhe tiram a paz, você deve saber que são elas que o fazem interessante. É delas que surgem os pensamentos mais bonitos.

Não sei por que você não continua a ser palhaço e a alegrar as crianças. E por que não fazer isso na universidade? Você tem vergonha? Roupa de palhaço não combina com beca acadêmica?

Quanto às suas habilidades de fazedor de cachorro-quente, acho melhor cuidar delas com cuidado, em particular. Nunca se sabe o que o futuro nos reserva. Sei de professores que passaram a ganhar a vida fazendo suco e vendendo pão.

E vi que seu personagem cientista está a serviço de um personagem artista. Você é um cientista de lagos. Para a ciência, lagos são laboratórios. Muito se pode aprender do seu estudo. Mas você, além disso, ama os lagos pela sua beleza. Você cuida dos lagos pela tranquilidade que eles comunicam. Você tem alma de jardineiro.

Aceite a orgia dos pensionistas com alegria. São poucos os que têm esse privilégio. Apareça de novo quando quiser.

As laranjas

Primeira lição da psicanálise: se você quiser descobrir segredos, preste atenção nas coisas pequenas, aquelas coisas que ninguém nota. É nelas que se revelam os segredos. Aqui em Campinas, por exemplo, há pessoas que falam “casa *de* Aurélia”, “o livro *de* Pedro”, “o aniversário *de* Margarida”... Quando ouço esse *de*, já sei que se trata de pessoa ligada à nobreza dos grandes barões do café. E me cubro de cerimônias por me sentir na sala de visitas de um casarão colonial... É nesse insignificante *de* que se encontra a revelação.

Pois as origens da família do meu pai e da família de minha mãe se revelam no insignificante e banalíssimo ato de chupar laranja. Ah! Vocês pensavam que uma laranja é simplesmente uma laranja! Não é, não. Laranjas do mesmo pé podem ser nobres ou plebeias. Depende do jeito como são comidas. A família de minha mãe chupava laranja de gomo, a família do meu pai chupava laranja de tampa. Você pode imaginar uma senhora da alta sociedade chupando laranja de tampa num jantar? Jamais! Chupar laranja de tampa é coisa de plebeus: a laranja enfiada entre os beiços e os dentes, comprimida pelas mãos para lhe extrair o caldo, as sementes enchendo a boca para serem cuspidas para o lado. Pode-se dizer que chupar laranja de tampa é gostoso e descontraído. Mas elegante é que não é. Laranja de tampa pode-se chupar de pé e mesmo andando. O que não é possível fazer quando se chupa uma laranja de gomo. Não, laranja de gomo não se chupa. Chupar não é elegante. Laranja de gomo se come calmamente. Leva tempo. É preciso estar assentado à mesa. Primeiro é o cuidadoso ato de descascar. Descascada a laranja, segue-se a operação de retirar-lhe a película branca que a cobre. A seguir, abre-se a mesma em duas metades e separam-se os seus gomos. Tomam-se então os gomos, um a um, e vagarosamente se executa a operação cirúrgica de retirar a pele translúcida em que vêm revestidos. Desnudados os gomos, retiram-se-lhes com a ponta da faca os caroços que são colocados elegantemente no prato. Finalmente, come-se a sua carne enquanto se conversa. É trabalhoso comer uma laranja de gomo. Trata-se de um elaborado *strip-tease*.

Todos da família da minha mãe comiam as laranjas de gomo. Curioso sobre esse costume, procurei explicações com a minha mãe. Ela me respondeu: “É para aproveitar

melhor.” De fato, aproveita-se melhor. Mas eu não via razão para se aproveitar tanto quando as laranjeiras estavam cheias de laranjas que se perdiam, comidas pelos passarinhos e insetos e apodrecidas no chão. Não, não fazia sentido. Essa estória de “aproveitar melhor” só faz sentido quando laranjas são poucas e raras, frutas nobres e caras, possivelmente importadas... Mas lá no interior de Minas não se importavam laranjas, não eram raras nem eram caras. Havia um descompasso entre a abundância das laranjas e a necessidade de comê-las de sorte a aproveitar todas as suas garrafinhas. Se você não sabe, as garrafinhas de uma laranja são aquelas minúsculas gotas de caldo que compõem o gomo. Isso não era costume brasileiro. Era costume que vinha das cortes reais da Europa... Lá os nobres, ricos, comiam caras laranjas importadas, de gomo, elegantemente. O povo pobre não comia laranjas, talvez nem soubesse o que eram laranjas... Assim, ao comerem as laranjas de gomo, os membros da família de minha mãe anunciavam suas origens nobres.

Nas família do meu pai, ao contrário, todo mundo chupava laranjas de tampa. Meu pai chegava a chupar 15 de uma vez, pendurando suas cascas inteiras no braço esquerdo para que fossem posteriormente usadas para acender fogo, em virtude de suas potências incendiárias. A família do meu pai nada tinha de nobreza. Era gente comum, sem etiquetas, e consta mesmo que havia índios, negros e mascates sírios nas suas origens.

O fato era que a família de minha mãe orgulhosamente se julgava de “sangue azul”, e se meu avô permitiu que minha mãe se casasse com o meu pai, acho que foi porque ele era rico. O dinheiro perdoa um homem que chupa laranjas de tampa... Referiam-se desdenhosamente às pessoas da “prateleira de baixo” e, quando uma delas tinha antecedentes negros, coçavam discretamente a bochecha com o dedo indicador como que para advertir quem não soubesse: “É negro!”

Havia vários outros artifícios para estabelecer com clareza sua superioridade sobre a plebe. Um deles eram os nomes que se davam aos filhos. A plebe batizava seus filhos de Antônio, Manoel, João, José, Maria, Conceição, Tereza, nomes vulgares... Mas, para que não houvesse confusões, nossa diferença nobre já estava anunciada em nossos nomes: Aloísio, Augusto, Silvestre, Jorge, Eugênio, Noêmia, Yolanda, Cecília...

Uma outra marca de nobreza estava nas roupas que tínhamos de vestir. Os meninos da plebe muito cedo começavam a usar calças compridas. Mas a família da minha mãe achava que os filhos nobres tinham de usar calças curtas. Meu irmão me contou da sua vergonha: já tinha 14 anos, suas pernas eram peludas, e tinha de usar calças curtas. Ele andava pelas ruas se espremendo contra as paredes para que ninguém o visse. Naqueles tempos filho não tinha vontade. Minha mãe se justificava dizendo que os meninos do Rio de Janeiro usavam calças curtas. Eu mesmo fui vítima de uma castração. Eu tinha 12 anos e envergonhadamente usava calças curtas. Meu pai e minha mãe me levaram para comprar um terno. Minha mãe pediu um terno de calças curtas. O vendedor respondeu que, para um jovem da minha idade, não havia terno de calças curtas. Ri de felicidade! Finalmente iria realizar o meu desejo de ter um terno de calças compridas! Comprado o terno, minha mãe disse ao vendedor: “Por favor, mande cortar as pernas...” Ela não era culpada.

Achava que, assim, me estava dando um toque de nobreza.

Na família do meu pai as portas da rua das casas tinham um buraco pelo qual se passava um barbante amarrado ao trinco. Não era preciso bater. Bastava puxar o barbante que a porta se abria e a pessoa podia entrar pela casa indo até a cozinha onde havia sempre uma cafeteira sobre a chapa do fogão de lenha. No sobradão do meu avô ninguém passava da sala de visitas que ficava na frente, ao fim da escadaria. Era lá que as visitas eram cerimoniosamente recebidas e confinadas. Quem quisesse ver a diferença que assista ao filme *Casamento grego*. A família grega, imensa, pais, irmãos, tios, sobrinhos, todos falando ao mesmo tempo, uma farra de gritos e risadas. A família americana, pai, mãe e filho, tão educados, tão contidos, falando baixinho, tantos sorrisos, nenhuma risada... É preciso ter cuidado para não ofender... Pois era assim mesmo...

Mas, de todas as marcas de nobreza, havia uma que me humilhava mais: os meninos da plebe tinham os seus cabelos raspados à escovinha, com uma franja na testa. Como tínhamos de nos diferenciar dos meninos da “prateleira de baixo”, tínhamos de ter cabelo comprido. O que era motivo de muita vergonha porque, naqueles tempos, cabelo comprido era coisa de menina. Cabelo comprido e calças curtas: era demais... Pois o meu irmão Ismael, já moço, que estudava num internato, veio nos visitar na cidade do trem de ferro, Lambari. Ele não disse nada. Pegou-me pela mão e levou-me a passear. Ao passar por uma barbearia, assentou-me na cadeira e ordenou ao barbeiro: “Escovinha”... Me lembro como se fosse hoje. E até hoje sou grato ao meu irmão Ismael...

O pequeno barco de velas brancas

Nasci nas Minas Gerais. Minas não tem mar. Minas tem montanhas, matas e tem céu. É aí que me sinto em casa. Uma ialorixá, sem que eu perguntasse, me revelou que meu orixá era Oxóssi, o guarda das matas. Acreditei. E, por causa disso, quase fiz uma loucura. Estava no aeroporto, vi uma loja de arte, entrei para ver, e o que vi me fascinou: uma coleção de máscaras de orixás, assombrosas, fascinantes. Entre elas, a máscara do meu orixá, Oxóssi. Perguntei o preço. Muito cara. Mas eu estava em transe, enfeitiçado. Puxei o talão de cheques. “Vou levar”, eu disse para a vendedora. “O seu cartão de embarque, por favor”, ela disse. Mostrei. “Mas o seu voo é doméstico. E essa loja só vende artigos para voos internacionais.” Saí triste, sem o meu Oxóssi.

Minas não tem mar. Lá, quem quiser navegar tem de aprender que o mar de Minas é em outro lugar.

O mar de Minas não é no mar.
O mar de Minas é no céu,
pro mundo olhar pra cima e navegar
sem nunca ter um porto onde chegar.

Acho que é por isso que em Minas nasce tanto poeta. Poeta é quem navega nos céus.

Comecei a navegar no mar de Minas quando era menino. Me deitava no capim e ficava vendo as nuvens e os urubus. Pensava poesia sem saber que era poesia. A Adélia diz que poesia é quando a gente olha para uma pedra e vê outra coisa. Como no famoso poema do Drummond: “No meio do caminho tinha uma pedra...” Estou certo de que essa pedra que ele via era outra coisa cujo nome ele não podia dizer. Pois eu ficava olhando para as nuvens e não via as nuvens: via navios, bichos, rostos, monstros. As nuvens me ensinaram minha primeira lição de filosofia. Elas me ensinaram a filosofia de Heráclito: “Tudo flui, nada permanece”. “Sou e não sou no que estou sendo” (Cecília). Todo ser é um permanente deixar de ser. A vida acontece morrendo. Como o rio. Como a chama.

Meus mestres navegadores eram os urubus. Desajeitados em terra, não conheço poeta que tenha falado deles com carinho. É romântico dizer da amada que ela se parece com uma garça branca. Mas quem diria que ela se parece com um urubu? Que eu saiba, somente a Cecília viu a sua beleza:

Até os urubus são belos
no largo círculo dos dias sossegados.

Urubus voam sem bater asas. Nas alturas, apenas as inclinam ligeiramente para flutuar ao sabor do vento. Voam sem fazer nada. Fazer nada é o seu jeito de fazer, para voar. Deixam-se ser levados. Flutuam ao sabor do vento. São mestres do taoísmo.

O mar de água, eu só fui ver depois que me mudei para o Rio. Debruçado na amurada de pedra da praia de Botafogo, ficava a ver os barcos de velas brancas levados pelo vento. Como as garças, voando no céu de Minas.

O mar me fascina. Mas, como não sou do mar, sou das matas, não vou. O mar me dá medo. Mar é perigo, naufrágio. Disse Fernando Pessoa, gravemente: “Deus ao mar o perigo e o abismo deu...” Ele, português, sabia do que estava falando.

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quanto filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Sabia disso Dorival Caymi quando cantou o jangadeiro que entrou no mar e a jangada voltou só. Doce morrer no mar? Talvez. Melhor morrer no mistério indecifrável do mar que morrer as mortes banais da terra seca.

Mas o perigo não importa. O fascínio é maior. Somos os únicos seres que amam o perigo. Sabia disso a Cecília, que nasceu olhando o mar.

A solidez da terra, monótona,
parece-nos fraca ilusão.
Queremos a ilusão grande do mar,
multiplicada em suas malhas de perigo.
Queremos sua solidão robusta,
uma solidão para todos os lados,
uma ausência humana
que se opõe ao mesquinho formigar do mundo.

Lá está o barquinho de velas brancas, navegando no mar! Bem que ele poderia navegar só nas baías e enseadas, onde não há perigo e o mar é sempre manso. Mas não! Deixando a solidez da terra firme, ele se aventura para sentir o vento forte enfunando as velas e o salpicar da água salgada que salta da quilha contra as ondas. “Sem nunca ter um porto onde chegar”, ele navega pelo puro prazer de entrar no mar.

A vida é assim mesmo. É sempre possível deixar o barco atracado ou só navegar nas baías mansas. Aí não há perigo de naufrágio. Mas não há o prazer do calafrio e do desconhecido.

Segundo o taoísmo, a vida é assim: somos pequenos barcos de velas brancas no mar desconhecido. O remos são inúteis. A força dos elementos é maior que a nossa força. Gosto de ver os urubus voando nos prenúncios de tempestade. Eles não batem asas. Não lutam contra o vento. Flutuam, deixam-se levar. A sabedoria dos barcos a vela é a mesma sabedoria dos urubus. Brincar com vento e onda, vela e leme, e deixar-se ser levado. A sabedoria suprema não é fazer – remar –, mas não fazer nada, deixar-se levar pelo mar da vida que é mais forte. Eu nunca consegui chegar a lugar algum usando remos. Sempre fui levado por uma força mais forte que a minha razão a praias com que nunca havia sonhado. Foi assim que me tornei escritor, porque o mar foi mais forte que o meu plano de viagem.

De fato,

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Talvez seja por isso que os navegadores navegam: porque no perigo e no abismo eles veem refletida a eternidade.

Sobre vacas e sabonetes

Você leu um texto meu em que eu falava sobre as múltiplas utilidades das vacas. De fato, das vacas se aproveita tudo. Quem tem um rebanho de vacas tem o futuro garantido. Razão por que, em tempos idos, se media a riqueza de uma pessoa pela quantidade de cabeças de gado que possuía. Primeiro, é o leite. Do leite, o queijo, a manteiga, o requeijão, a ricota, a coalhada, o iogurte, o doce de leite, os sorvetes, os bolos. Seguindo o leite, a utilidade da carne: churrascos, bifes, assados, caldos, pastéis, picadinhos, sanduíches, etc. A carne, como se sabe, tem também uma utilidade médica: um bife cru aplicado sobre um hematoma, diz-se, tem um poder curativo. E aqui, bem baixinho, se vocês não leram o livro *Portnoy's Complaint* [A queixa de Portnoy], de Philip Roth –, leiam-no para dar risadas e para aprender sobre um uso erótico inominável que Portnoy dava aos bifes que posteriormente seriam comidos pela família. Há também a utilidade do couro: couro decorativo, como tapete; couro para fazer roupa; couro para fazer cabrestos; couro para fazer escudos de guerra, nos tempos antigos; couro para fazer sapatos, pastas, botas, móveis; couro para fazer chicotes. A utilidade dos chifres, que se usam como instrumentos musicais, berrantes, para fazer botões, para fazer taças de guerreiros ferozes. Não sei as razões das expressões “chifrudo”, “pôr chifre”. Até a bosta das vacas é útil, como se sabe. Pois, usadas como esterco, delas pode nascer a beleza delicada das flores. E um amigo meu, já encantado, o Geraldo Jurgensen, usou pizzas de bosta de vaca secas, depois de escovadas e pintadas a *spray* dourado, para fazer móveis levíssimos para decoração de loja grã-fina no *shopping*... Tudo isso você entendeu.

Mas eu disse que das vacas também se faz sabão. Isso você não entendeu. O que revela sua pouca idade e o fato de você não ter vivido na roça, em lugares de fogão de lenha. O sebo da vaca, que você pede que o açougueiro tire, era cuidadosamente guardado embaixo do fogão. Ele era matéria-prima para a feitura do famoso sabão preto (que alguns afirmam ter propriedades embelezadoras). Era assim que se fazia. Numa lata de querosene de 18 litros, na qual se faziam alguns furos a prego no fundo, se colocava a cinza retirada do fogão. A cinza era impiedosamente pilada por meio de um pilão, até ficar dura como pedra. Então, diariamente, se colocava um pouquinho de água sobre a cinza. A água filtrava e pingava, através dos furos, num prato. O líquido era negro como

café, conhecido por “diquada” (esse nome não se encontra no Aurélio). Segundo me disseram, esse líquido continha potássio, de propriedades detergentes. Aí se juntavam, num tacho enorme de cobre, o sebo e a “diquada” e se acendia um fogaréu embaixo. A coisa ia derretendo, misturando, fervendo, bolhas infernais estourando, a poção sendo mexida com uma longuíssima colher de pau, para evitar que os estouros das bolhas caíssem na pele. Ao final, esfriada a pasta negra, ela era enrolada em forma e tamanho de laranjas e embrulhada em palha de milho. Esse sabão era parte importantíssima do uso e da economia de qualquer casa de antigamente.

Uma vez, visitando a aldeia de Salem, nos Estados Unidos – aquela da caça às bruxas –, encontrei-me com uma reprodução da aldeia dos primeiros colonizadores ingleses que vieram para a América do Norte. Do jeito mesmo como viviam. Pois, num canto, estava a sua fabriqueta de sabão, que era igualzinha àquela que havia na minha casa.

Se os fabricantes modernos de sabão ainda usam sebo de vaca, não sei. Mas o cheiro que se sente ao passar perto de suas fábricas me cria suspeitas. Quem sabe, o delicado e perfumado sabonete que você usa para aveludar a sua cútis é feito com sebo de vaca?

O jogo “peteca-lembança”

Escrever me dá muita alegria pelo retorno que recebo dos meus leitores. Pena que não haja formas de responder a todos, um por um. A arte é muito longa, e o tempo é muito curto. Mas, de vez em quando... É o que aconteceu. Recebi uma carta de uma pessoa, a propósito de um texto meu. Vou transcrever:

Rubem Alves, você escreve para a alegria de nossas almas. Alimenta quem os anos já embranqueceram os cabelos, a memória já esvaindo-se, mas com a sensibilidade à flor da pele. A crônica “Amar sem esperar retribuição”, referindo-se ao jogo das petecas, cativou-me... Tenho mais de oitenta anos, sou viúva, fiz cinquenta anos de casada e ainda tenho a peteca-lembança, bem guardada... A princípio joga-se com o companheiro: paixão, risos, castelos, ilusões. Depois, já se derruba a peteca: briguinhas, ressentimentos; mas o jogo continua gostoso e atraente. A peteca cai, a gente ergue, e o jogo segue com pequenas interrupções. Então, um triste dia, o parceiro parte, e o jogo interrompe. Como fazer para continuar o jogo sozinho, sem o sabor do companheirismo? Dei uma solução: o jogo peteca-lembança. Guardei-a numa caixa, amarrei-a com fita verde-esperança. Um dia, encontrarei o amado parceiro em outro degrau da vida e jogaremos eternamente, de mãos dadas.

Assinado: Lurdes Camargo de Moura.

Fiquei comovido com a carta da Lurdes. Mas, e o endereço? Aí me chegou pelo correio, uma carta. Era dela! E ela contou outros detalhes:

Ter mais de oitenta anos, mudar de cidade, ser viúva, não é só fazer tricô, crochê e ver novelas. Resido há cinco anos em Campinas, com minha filha, genro e três netos. Se me perguntarem se está tudo “joia”, eu respondo: “É só bijuteria”... Tenho as duas pernas fraturadas, um único rim, pressão alta. Em contrapartida, sou alegre, bem-humorada, e uma bengala é o meu veículo precioso. Sem boas qualidades físicas, as

espirituais estruturam a minha vida...

Lurdes! O que você escreveu fez bem para a minha alma! Corrijo-me: você fez bem à minha alma! Você sabe que eu sou psicanalista e vivo andando pelos caminhos da alma. E há uma pergunta para a qual não consigo encontrar resposta: Onde se encontram as fontes da alegria? Alguns acham que elas se encontram nas experiências infantis, que somos alegres ou tristes por causa das coisas que outros nos fizeram, quando éramos crianças. Eu não acredito nisso não. Acho que as fontes da alegria não se encontram no tempo. Acho que as fontes da alegria não são administradas pelo pai ou pela mãe. Minha suspeita é que elas se encontram na eternidade. A alegria é sempre inexplicável. Tem um profeta do Velho Testamento, Habacuque, que escreveu uma das orações mais lindas que conheço, e ela é linda por causa de uma única palavra: *todavia*. Ele começa a oração descrevendo campos devastados, árvores frutíferas sem frutos, currais sem vacas ou ovelhas. De repente ele interrompe o rol de desgraças e diz: “Todavia eu me alegrarei...” Não há razões para a alegria. Ela é uma fonte da eternidade que emerge no tempo. Obrigado por você existir.

Só há uma coisa que não entendi no que você escreveu. Você diz que chegará o dia em que você reencontrará o parceiro, você tirará a peteca da caixa em que você a guardou e vocês então jogarão peteca eternamente, de mãos dadas. Que estória é essa? Nunca vi ninguém jogar peteca de mãos dadas. Não tem jeito. Suspeito mesmo é que você não tem intenções de jogar peteca e que essas mãos dadas anunciam um jogo muito mais divertido... Quando o jogo de peteca é bom, terminado o jogo, guardada a peteca, um outro jogo a dois pode começar... Que assim seja, querida Lurdes.

Viver sem medo

Os homens começaram a construir casas para se protegerem dos perigos. Havia os perigos do tempo, chuvas, frio, sol, vento. Havia os perigos dos bichos e o perigos dos homens. As casas começaram a ser construídas para que, dentro delas, as pessoas não tivessem medo. Primeiro, as cercas, paliçadas, muros. Depois, as paredes fortes. E as portas e janelas que se abriam durante o dia e se fechavam durante a noite. Logo os homens perceberam que sua segurança em casas isoladas era muito precária. Começaram a construir cidades. As cidades medievais eram verdadeiras fortalezas, cercadas por muralhas. Nelas só se podia entrar passando por uma gigantesca porta guardada por soldados. As casas pequenas onde moravam as famílias passaram, assim, a ser protegidas pelas casas grandes, a cidade. Com isso as pessoas podiam andar tranquilas pelas ruas: as feras e os criminosos ficavam do lado de fora. Perigoso, mesmo, era viajar. Nas viagens não havia o que protegesse os viajantes. E podiam também dormir tranquilas, sabendo que havia muros e guardas que as protegiam.

Isso era possível porque as cidades eram pequenas. Quando cresceram e ficaram grandes demais, ficou impossível protegê-las com muros. As cidades se abriram então a todos. Coisa sem dúvida democrática. Mas o resultado foi que ficou impossível controlar a entrada e a saída de pessoas. Tanto os amigos quanto os malféitores passaram a entrar e sair livremente. As pequenas casas ficaram, então, sem a proteção das muralhas e dos portões. A segurança passou a depender da polícia que, nessa nova situação, tinha por dever exercer as funções anteriormente exercidas pelas muralhas e portões: impedir a ação da violência criminoso.

Durante muito tempo isso funcionou bem. Não funciona mais. A casa grande está cheia de medo. A casa pequena está cheia de medo. As pessoas passaram a fugir dos espaços da cidade. Antigamente as famílias saíam às noites para simplesmente passear pelas ruas, praças e jardins. Era gostoso e tranquilo. Hoje ninguém pensa mais nisso. É mais seguro ficar em casa. A cidade se esvaziou. Ficou deserta. Lugar de perigo. É mais seguro ir passear no *shopping*. Com isso as cidades se degradam.

Um amigo meu me contou, horrorizado, o que lhe aconteceu em Recife. Ele queria atravessar uma ponte, mas a pessoa que o acompanhava o advertiu: “Não atravesse aquela

ponte. Ela está cheia de crianças.” Até as crianças passaram a dar medo. As crianças de hoje não são como as de antigamente: elas se tornaram aprendizes do crime.

Os ricos tentaram reproduzir o modelo medieval das cidades fortificadas. Fecharam-se em condomínios guardados e edifícios de segurança máxima. Inutilmente. Não há muro, porta ou guarda que seja capaz de deter os criminosos. Hoje o crime é um dos negócios mais rendosos: fora das redes do fisco, fora da rede das punições. A impunidade do crime se tornou num incentivo ao crime. Por que trabalhar num emprego de oito horas que paga dois salários mínimos se resultado muito mais rendoso pode ser obtido numa ação de poucos minutos? O lucro vale o risco.

Eu amo a cidade, minha casa grande. É detestável ter medo de sair à noite, a pé, e ter de ficar em casa. Tenho saudade dos tempos em que as pessoas punham cadeiras na calçada para conversar. Tenho saudade dos tempos em que os namorados podiam namorar nos jardins. Jovem, eu caminhava do Seminário Presbiteriano, à avenida Brasil, até a estação ferroviária da Paulista, às cinco da manhã. Eu era a única pessoa na rua. O único ruído que se ouvia era o ruído dos meus passos e o apito dos guardas noturnos. Eu não tinha medo. Caminhava cantando: “A noite termina, o dia já vem, a estrela da alva não deve tardar...”

No momento os bandidos estão levando a melhor sobre a polícia. E o fato é que o povo nem liga muito, porque não confia também na polícia. Todo mundo sabe dos acordos entre polícia e bandidos. O povo está abandonado à sua própria sorte. Não há para quem reclamar. De que adianta fazer a queixa se se sabe que ela é inútil? Se nem os assassinos são presos, que dizer dos ladrões de cartões de crédito, bolsas e toca-fitas? A querida “vozinha”, tia Alice, que hoje está completando noventa anos, teve seu cartão de banco roubado na agência da Caixa Econômica e só deu por isso quando descobriu que as economias que fizera durante toda a sua vida não mais se encontravam em sua conta.

Não quero um prefeito que prometa segurança. Essa promessa não pode ser cumprida. Mas quero um prefeito que prometa lutar por ela. A primeira condição para a renovação de Campinas é que ela se torne um espaço onde se possa caminhar sem medo.

O presépio

Menino, lá em Minas, havia uma coisa, uma única coisa, que eu invejava nos católicos: no Natal, eles armavam presépios, e nós, protestantes, tínhamos árvores de Natal. Mas as árvores, por bonitas que fossem, não me comoviam como o presépio: uma cabaninha coberta de sapé, Maria, José, os pastores, ovelhas, vacas, burros, misturados com reis, anjos e estrelas, numa mansa fraternidade, contemplando uma criancinha. A contemplação de uma criancinha amansa o universo. Os católicos mais humildes tinham alegria em fazer os seus presépios. As pobres salas de visita se transformavam num lugar sagrado. As casas ficavam abertas para quem quisesse se juntar aos reis, pastores e bichos. E nós, meninos, pés descalços – os sapatos só eram usados em ocasiões especiais –, peregrínávamos de casa em casa, para ver a mesma cena repetida.

Nós, meninos, com inveja, tratávamos de fazer os nossos próprios presépios. Os preparativos começavam bem antes do Natal. Enchíamos latas vazias de goiabada com areia e nelas semeávamos alpiste ou arroz. Logo os brotos verdes começavam a aparecer. O cenário do nascimento do Menino Jesus tinha de ser verdejante. Sobre os brotos verdes espalhávamos bichinhos de celuloide. Naquele tempo ainda não havia plástico. Tigres, leões, bois, vacas, macacos, elefantes, girafas. Sem sabermos, estávamos representando o sonho do profeta que anunciava um dia em que os leões haveriam de comer capim junto com os bois e as crianças haveriam de brincar com as serpentes venenosas. A estrebaria, nós mesmos a fazíamos com bambus. E as figuras que faltavam nós as completávamos artesanalmente com bonequinhos de argila. Tinha também de haver um laguinho onde nadavam patos e cisnes. Não importava que os patos fossem maiores que os elefantes. No mundo mágico tudo é possível. Era uma cena *naïf*, primitiva, indiferente às regras da perspectiva. Um presépio verdadeiro tem de ser infantil. E as figuras mais desproporcionais nessa cena tranquila éramos nós mesmos. Porque, se construíamos o presépio, era porque nós mesmos gostaríamos de estar dentro dele. Éramos adoradores do Menino, juntamente com os bichos, com as estrelas, com os reis e com os pastores – não importando que estivéssemos de pés descalços e roupa suja.

Eu sempre me perguntei sobre as razões por que essa cena, em toda a sua irre realidade

onírica, mexe tanto e tão fundo comigo. Não sinto alegria ao contemplar a cena. Sinto uma tranquila beleza triste. Gosto dela. É uma ausência aconchegante. O Drummond escreveu um poema chamado “Ausência”. Não sei a propósito de quê – se era por causa de um amor perdido, de uma pessoa querida que estava longe – a saudade doía. E ele escreveu, para se explicar e consolar:

Por muito tempo achei que ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

É isto: a cena – presente diante dos meus olhos – faz acordar uma ausência na minha alma. Daí a minha tristeza mansa. O presépio me faz lembrar algo que tive e perdi. Essa ausência tem o nome de saudade. Eu não tenho saudade. É a saudade que me tem. Mora, dentro de mim, a “ausência” de um presépio. Saudade é sentimento de quem ama e perdeu o objeto do amor. Quem não amou e não perdeu o objeto do amor não sente saudade. Pode ficar alegzinho. As muitas celebrações alegres – não revelarão elas que os celebrantes não sofrem de saudade? Celebram, talvez, porque na sua alma não mora a “ausência” de um presépio. Mas o que eu quero, mesmo, é fazer como o Drummond: aconchegar minha saudade nos meus braços. Porque saudade é um estar em mim. Assim, por favor, não tentem me consolar.

Vou transcrever um texto de Octávio Paz. É um dos meus textos favoritos. Por isso quero pedir que você o leia bem devagar. Contemple as vacas do presépio que ruminam sem pressa. Leia bovinamente, como quem rumina...

Todos os dias atravessamos a mesma rua ou o mesmo jardim; todas as tardes nossos olhos batem no mesmo muro avermelhado feito de tijolos e tempo urbano. De repente, num dia qualquer, a rua dá para um outro mundo, o jardim acaba de nascer, o muro fatigado se cobre de signos. Nunca os tínhamos visto e agora ficamos espantados por eles serem assim: tanto e tão esmagadoramente reais. Não, isso que estamos vendo pela primeira vez, já havíamos visto antes. Em algum lugar, onde nunca estivemos, já estavam o muro, a rua, o jardim. E à surpresa segue-se a nostalgia. Parece que recordamos e quereríamos voltar para lá, para esse lugar onde as coisas são sempre assim, banhadas por uma luz antiquíssima e ao mesmo tempo

acabada de nascer. Nós também somos de lá. Um sopro nos golpeia a fronte. Estamos encantados... Adivinhamos que somos de um outro mundo.

Octávio Paz está descrevendo uma experiência mística: quando, de repente, as coisas banais do cotidiano se abrem como portas, e somos levados a um outro mundo. Pode ser um perfume indefinível, pode ser uma fotografia que já vimos vezes sem conta, pode ser uma música vinda de longe... De repente experimentamos êxtase – estamos fora de nós mesmos, encantados –, somos transportados para um mundo que nem sabemos direito o que seja. Já estivemos lá. Não mais estamos. E vem a nostalgia. Quereríamos voltar. A alma sempre deseja voltar. O mundo das novidades é o mundo do seu exílio.

O presépio faz isso comigo. Aconteceu de verdade? Foi desse jeito mesmo? As crianças sabem que isso é irrelevante. Elas ouvem a estória e são transportadas para ela. Pedem que a mesma estória seja repetida, do mesmo jeito. Não querem explicações. Não querem interpretações. A beleza da estória lhes basta. A beleza da estória é alimento para a sua alma. Os teólogos – que fiquem longe do presépio. Suas palavras atrapalham.

A cena do presépio exige a repetição. Hão de ser as mesmas bolachas de mel, os mesmos bolos perfumados, as mesmas músicas... Comidas diferentes e músicas novas não têm nada a ver. São profanações. Não pertencem ao presépio. Houve um tempo em que eu tocava piano. Abandonei porque eu não tinha talento. Mas ainda me sobra uma técnica de principiante. Fui ao teclado e brinquei com os hinos antigos. Alguns deles soam como caixinhas de música, a serem cantados baixinho, como se para fazer uma criança dormir.

Pequena vila de Belém
repousa em teu dormir
enquanto os astros lá no céu estão a refulgir.

A maravilhosa melodia tradicional “Greensleeves”, que aparece na letra: “Quem é o infante que, no regaço da mãe, tranquilo dormita?” Depois, o mais querido: “Noite de paz, noite de amor! Tudo dorme em derredor...” E a *berceuse*: “Sem lar e sem berço, deitado em capim...” E há os hinos triunfantes que exigem os sons triunfantes do órgão que encham o universo: “Adeste Fideles”, “Surgem anjos proclamando...”

A cena do paraíso é também uma cena maravilhosa e inspirou muitos artistas plásticos. Mas ela não me comove como a cena do presépio. Talvez porque no paraíso não houvesse crianças. Não existe nada mais comovente que uma criança adormecida. Quem contempla uma criança adormecida tem de ficar bom, tem de ficar manso. Uma criança adormecida não pede festas: pede silêncio e tranquilidade.

O presépio nos faz querer

voltar para lá, para esse lugar onde as coisas são sempre assim, banhadas por uma luz

antiquíssima e ao mesmo tempo acabada de nascer. Nós também somos de lá. Estamos encantados... Adivinhamos que somos de um outro mundo.

Dentro de nós existe um presépio. Na manjedoura, dorme uma criança. O nome dessa criança é o nosso nome. Dorme em nós o Menino-Deus.

A terceira margem do rio

O bom da literatura é que ela nos faz viajar por tempos e lugares aonde a gente nunca foi e nunca irá. Mesmo porque as coisas que existem na literatura não existem na realidade. A literatura tem os poderes dos deuses: ela faz existir coisas que nunca existiram e chama as coisas que não são como se fossem. Veja só este fragmento de Bernardo Soares, uma das personalidades de Fernando Pessoa: “O vapor em que parti chegou de vela ao porto. Que isso é impossível, dizeis. Por isso me aconteceu.” Aconteceu por ser impossível. Que é absurdo, é! Navios a vapor não se transformam em navios a vela ao meio da viagem. Mentira na realidade, verdade na literatura. As coisas que não existem são mais interessantes. E não é por isso que se invocam os deuses? O que não existe tem mais força. Acho que é por isso que o apóstolo João começou a sua estória dizendo que “no princípio era o Verbo” e “o Verbo era Deus”.

Bernardo Soares tinha um profundo desprezo pelas viagens e pelos viajantes. Dizia: “Que é viajar? Para que serve viajar? Qualquer poente é poente; não é mister ir vê-lo a Constantinopla. Nunca desembarcamos de nós. Quem cruzou todos os mares somente cruzou a monotonia de si mesmo.” Antigamente, os médicos prescreviam viagens como remédio para a depressão. Imaginavam que, viajando para outros lugares, a depressão ficaria para trás. Mas a tristeza não desembarca. Viaja junto. Somos um baú cheio. Quando viajamos, o baú, com tudo o que está dentro, vai junto. Chegamos lá, abrimos o baú e nos pomos a representar a mesma comédia que representamos sempre.

Nos feriados é obrigatório viajar. Quem não viaja é um desgraçado. É sabido que todas as pessoas “normais” viajam. E todo mundo quer ser normal. Até já criaram a palavra *normose* para dar nome a essa perturbação de querer ser normal. Quem não viaja é ou por não ter dinheiro, ou por estar de plantão, ou por ter de cuidar de alguém doente. Não importam as explicações. Vale o fato bruto: não viajou.

Mas a literatura faz possível viajar por dentro sem ter de sair do lugar. Minhas maiores viagens, eu as fiz pela leitura. E o que sou tem muito a ver com o que li. As viagens que fiz com carro e avião só valeram pela literatura que nelas aconteceu, enquanto viajava. Não que eu escrevesse livros. Acho difícil escrever fora do meu lugar. Para escrever, minha alma tem de se sentir em casa. Fiz literatura pensando, escrevi livros na

imaginação que nunca escrevi no papel.

O benefício de ficar em casa no feriado, quando todo mundo viaja, está em que não se corre o risco de se ficar preso numa pousada ouvindo o barulho da chuva que cai e vendo a neblina que tudo cobre, mascando tédio. Por via das dúvidas é sempre sábio levar um livro...

Chovia. Viajei. Levei o *Grande sertão: veredas*. É um livro que nunca se termina de ler. Sempre se começa de novo, de qualquer lugar. Não entendo isso, que um livro possa ser sempre novo. A chuva desrealiza o mundo. Nos faz entrar em devaneio. Fernando Pessoa tem um longo poema marítimo que começa com a descrição do momento em que o navio atracado apita rouco para anunciar que está se separando do cais. A propósito desse mínimo espaço de água que marca a separação entre os que ficam no cais e os que vão para o mar, ele escreveu um dos mais fantásticos versos da língua portuguesa: "Todo cais é uma saudade de pedra." Um pequeno vão de água... Que coisa mais boba! E é por isso mesmo, por ser uma coisa tão boba, que ele fica sem entender o que o dito espaço entre navio e cais o fazia sentir sentimentos cheios de funduras metafísicas. Digo isso a propósito do conto de Guimarães Rosa *A terceira margem do rio*. Eu o leio e releio e fico sempre com a sensação de um mistério, mistério que se anuncia no próprio título: *A terceira margem do rio*.

Rio tem três margens? Toda criança aprende na escola que rio tem duas margens só, a direita e a esquerda, a de cá e a de lá. É só por causa disso que se pode atravessar o rio. Mas um rio com três margens? Pense só. Como pode ser? Onde é que ela fica? Que canoa pode atravessá-lo?

A estória, quem a conta é o filho, sobre o pai,

homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino [...]. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente [...]. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. [...]

Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas?

Até que a canoa ficou pronta, madeira de lei, de durar trinta anos.

"Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também [...]. Temi a ira de nossa mãe.

[Não fui.]

Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.

O conto se constrói sobre o mistério do pai, na canoa, longe, muito longe, e o olhar do filho que olha e não entende. Sabia uma coisa só: que o pai o amava e o queria como companheiro, na canoa...

No corpo do conto, mesmo, a expressão *a terceira margem do rio* não acontece. Guimarães Rosa a pensou antes ou depois? Tanta coisa já foi dita para decifrá-la! Até Hélio Pelegrino, psicanalista e intelectual que admiro e respeito, nascido também nas Minas Gerais, se aventurou e sugeriu que a dita terceira margem é a linguagem... Sei não. Se leio o conto pensando nisso, ele fica fraco. Doença de psicanalista: sempre pensa que uma coisa é outra. Mas o escritor, quando escreve, não está pensando numa outra coisa. Se escreveu é porque era aquilo que queria dizer. Acho que nem Guimarães Rosa sabia das razões do título. Ele mesmo confessa que o conto lhe veio pronto, de repente, enquanto andava, da mesma forma como a bola chega às mãos do goleiro. Deixo para lá o Guimarães e os seus mistérios. Interessam-me os mistérios meus que a leitura do conto provoca quando o leio.

Foi lá na Serra da Canastra, chuva caindo sem parar, nuvens escuras, longas trilhas no meio dos campos, sobe morro, desce morro, em busca de cachoeiras escondidas, o fôlego curto, o coração disparado, o ar queimando no peito – foi lá que me passou pela cabeça que o Guimarães estava certo. A vida é assim mesmo. Chega um momento em que a gente manda fazer uma canoa. Canoa de um só lugar. Bem que a gente queria a companhia de um filho. Não daria certo. Há de se remar sozinho. De longe os outros olham com um olhar de espantados, querendo saber das razões por que assim remamos, na solidão...

No seu livro *José e seus irmãos* (Vocês devem saber. A estória original está nas Sagradas Escrituras. Os irmãos de José, roídos de inveja, o venderam a mercadores que iam para o Egito.)... Pois Thomas Mann, que escreveu o dito livro, inventou um diálogo entre José, cativo, e o mercador que o comprara. Diz José: “Estamos a não mais que um metro um do outro. No entanto, ao teu redor gira um universo do qual o centro és tu, e não eu. E ao meu redor gira um universo do qual o centro sou eu, e não tu.” Guimarães Rosa concorda. Mas teria escrito: “Cada um rema sozinho uma canoa que navega um rio diferente, mesmo parecendo que está pertinho...” Para complicar, eu acrescento: e nem mesmo falamos a mesma língua, embora usemos as mesmas palavras.

Acho que Guimarães Rosa estava filosofando. Pois o filósofo grego Heráclito, apelidado de “o Obscuro”, escreveu que tudo é rio, águas que passam e não voltam mais. A juventude é como aquelas barcas que, em tempos passados, navegavam o São Francisco subindo e descendo o rio. Vai muita gente junta, tudo é festa, todos gostam das mesmas músicas, todos dizem as mesmas coisas, todos dançam, todos se abraçam... Velhice é quando mandamos construir a canoa e começamos a remar sozinhos. Não por vontade, mas por precisão. Porque já não se entende o que os outros falam, já não se ri das graças por que todos riem, já não se caminha com a mesma firmeza – vai-se ficando para trás...

O normal seria dizer: “Quem entende, sabe.” Riobaldo, mestre zen, retrucaria com um *koan*: “Quem sabe, entende.” O saber vem antes do entender. Eu já sabia: a velhice é

canoagem solitária...

* * *

Terminada a crónica, apareceu uma nesga de céu azul entre as nuvens de chuva.

“Que seria de nós sem o socorro do que não existe?”*

“Mesmo o mais corajoso entre nós só raramente tem coragem para aquilo que ele realmente conhece”, observou Nietzsche. Camus acrescentou um detalhe acerca da hora quando a coragem chega: “Só tardiamente ganhamos a coragem de assumir aquilo que sabemos.” Só tardiamente. Foi o que aconteceu comigo. Eu sabia, mas não tinha coragem de dizer. O mundo universitário que me cercava me amedrontava. Por prudência optei pelo silêncio. Aí, de repente, uma criança entrou na minha vida, tardiamente. Uma filha temporária. Foi ela que me fez ter coragem. Penso que Bachelard deve ter tido experiência semelhante. Se assim não fosse, como poderia ter afirmado que “a inquietação que temos pela criança sustenta uma coragem invencível”?

Foi a criança que me deu coragem para que eu deixasse que o inventor de estórias que em mim vivia calado pelo medo, falasse. *Estória*, não histórias, contrariando assim dicionários e revisores. O mundo dos escritores não é o mundo dos gramáticos. Guimarães Rosa tinha o mesmo problema. Começa *Tutameia* afirmando: “A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História.” A “história” nos abre o mundo das coisas acontecidas no passado. Mas as “estórias” nos levam para o mundo das coisas que nunca aconteceram e só existem na imaginação.

Disse que sou um “inventor” de estórias. Mas não é bem assim. As estórias não são inventadas pelo escritor da mesma forma como as músicas não são compostas pelo compositor. Estórias e músicas já existem em algum lugar místico. Escritores e compositores são seres que têm a graça de, repentinamente, se defrontarem com essas entidades, vindas não se sabe de onde, como se fossem emissárias de um outro mundo. Fernando Pessoa se espantava com isso e dizia que era como se um anjo que não conhecemos descesse à terra e com suas asas soprasse as brasas de lugares esquecidos... Uma coisa é certa: ao terminar a estória, vem o espanto de que a tenhamos escrito. E perguntamos: “Por que escrevi isto? Onde fui buscar isto? De onde me veio isto? Isto é melhor do que eu... Seremos nós neste mundo apenas canetas com tinta com que alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?”

Aconteceu assim comigo, sem se anunciar, de repente, sem preparo, sem credenciais. As estórias começaram a aparecer porque havia uma menina que precisava delas. Sim,

precisava delas...

De noite, quando eu terminava a estória, ela me perguntava: “Papai, essa estória aconteceu de verdade?” Ela não era boba. Pequena, já tinha um agudo senso de realidade. Pássaros encantados, gigantes verdes, dragões dourados, panteras que falam, flores que empinam pipas, sementinhas que têm medo, gansos que envelhecem ficando cada vez mais leves até que voam na direção das montanhas onde cresce o fruto mágico vermelho – não são seres deste mundo. Nunca existiram. Assim conclui-se obrigatoriamente que as estórias são feitas com mentiras. Mas mentira é uma palavra tão feia! Ela tem o poder de matar qualquer palavra. Acontecia, entretanto, que minha filha amava as estórias. Elas eram belas, ela ficava encantada ao ouvi-las. O seu coração exigia que fossem verdadeiras. O amor deseja a eternidade da coisa amada. Acho que o padre Antônio Vieira ter acabado de ouvir uma estória bonita quando escreveu: “Se os olhos veem com amor o que não é, tem de ser”. Minha filha filosofava sem saber. Perguntava-me sobre o estatuto ontológico da imaginação, lugar onde moram as estórias... E eu não podia dar a resposta. Era muito difícil para ela. A resposta seria: “Esta estória não aconteceu nunca para que aconteça sempre.” *Romeu e Julieta, A Bela Adormecida, Cinderela, Édipo, O amor nos tempos do cólera, A terceira margem do rio, “O operário em construção”*: essas estórias não aconteceram nunca. Mas a despeito disso queremos lê-las de novo, e todas as vezes que as re-lemos elas acontecem. A Palavra se faz carne... Prova disso são os tremores que percorrem nosso corpo, ora como riso, ora como choro. Se tivessem acontecido de fato, elas seriam criaturas da história, tempo do “nunca mais”. “Never more, never more”, repetia o corvo de Poe. “Nunca mais” é o tempo dos mortos, das sepulturas, do sem volta. Mas as estórias são criaturas do tempo da imaginação, tempo do eterno retorno, das repetições, das ressurreições. Quando se conta de novo uma estória, aquilo que nela aconteceu no passado imaginário se torna vivo no presente. Sim, já ouvimos a música muitas vezes. Sabemo-la de cor. Mas queremos ouvi-la de novo para sentir a sua beleza sempre presente, para rir e chorar. Assim é o tempo da imaginação. A alma é o lugar onde o amor guarda o que não aconteceu, sob a forma da imaginação, para que aconteça sempre.

Havíamos ido ao cinema ver o E.T. Minha filha, cinco anos, chorava convulsivamente ao voltar para casa. Depois do lanche, quis consolá-la das lágrimas que não paravam. “Vamos lá fora procurar a estrelinha do E.T.!", sugeri. Ela me acompanhou. Mas o céu se cobriu de nuvens. Não havia nenhuma estrela visível. Fiquei sem saber o que dizer. Improvisei, então. Corri para trás de uma árvore e disse: “Venha! O E.T. está aqui!” Ela parou de chorar, olhou-me séria e disse com voz firme: “Papai, não seja bobo. O E.T. não existe.” Essa resposta realista e fria pegou-me desprevenido. Me defendi. Armei um xeque-mate: “Não existe? Então, por que é que você estava chorando?” O seu choro não era uma evidência de que ela acreditava na existência do E.T.? Mas quem levou o xeque fui eu. Foi isto que ela me respondeu: “Eu estava chorando por isso mesmo, porque o E.T. não existe.”

Eu, tolo, misturara o que não podia ser misturado. Tirara o E.T. do mundo da

fantasia onde vivia – uma estrela distante, provavelmente vizinha da estrela sorridente, morada do Pequeno Príncipe – e o matara ao trazê-lo para o mundo real. Ela sabia mais do que eu. Sabia que o E.T. só existia no mundo da fantasia. Até a minha intervenção desastrada, o E.T. era real. A estória estava acontecendo. Por isso ela chorava. A alma chora pelo que não existe. Mas o seu choro parou de repente quando tirei o E.T. de sua estrela distante e o coloquei atrás da árvore do meu jardim. Acho que Fernando Pessoa teve muitos choros parecidos com o choro de minha filha. E foi para explicar o sem razões dos seus choros que ele escreveu:

O que me dói não é
O que há no coração
Mas essas coisas lindas
Que nunca existirão...

Ri muito ao reler, depois de muitos anos, o *Cem anos de solidão*. E sempre choro ao ler os poemas da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. Por que rimos e choramos por aquilo que não existe, aquilo que é fantasia? A resposta é simples: choramos e rimos porque a alma é feita com o que não existe, coisa que só os artistas sabem. “Somos feitos da mesma matéria dos nossos sonhos”, afirmava Shakespeare. Com o que concorda Manoel de Barros, rude poeta do Pantanal: “Tem mais presença em mim o que me falta”. E Miguel de Unamuno:

Recorda, pois, ou sonha, alma minha
– a fantasia é tua substância eterna –
o que não foi;
com tuas figurações faze-te forte,
que isso é viver, e o restante é morte.**

As estórias são flores que a imaginação faz crescer no lugar da dor. Minhas estórias cresceram das dores da minha filha, que eram minhas próprias dores. Por isso disse que comeci a escrever porque ela precisava delas, das estórias. Curar a dor, isso elas não podem fazer. Mas podem transfigurá-la. A imaginação é a artista que transforma o sofrimento em beleza. E a beleza torna a dor suportável. Por isso escrevo estórias: para realizar a alquimia de transformar dor em flor. Minhas estórias são as minhas poções mágicas... Não há contraindicações nem é preciso receitas...

Notas

* Citação de Paul Valéry.

** No original: “Recuerda, pues, o sueña tú, alma mía / – la fantasía es tu sustancia eterna – / lo que no fué; / con tus figuraciones hazte fuerte, / que eso es vivir, y lo demás es muerte.”

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.